



HOMILÉTICA O PREGADOR & O SERMÃO

SEVERINO PEDRO DA SILVA

Severino Pedro da Silva

Homilética: O Pregador e O Sermão



Todos os Direitos Reservados. Copyright © 1992 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembléias de Deus.

CIP-Brasíl. Catalogação-na-fonte –
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Silva, Severino Pedro da; 1946-
S223h^s Homilética: o pregador e o sermão / Severino Pedro
da Silva. -1ª Ed. - Rio de Janeiro : Casa Publicadora das
Assembléias. 1992

1. Pregação I. Título II

83-0136

CDD - 251.01

CDU - 251

Capa: Aroaldo

Casa Publicadora das Assembléias de Deus
Caixa Postal 331
20001, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

6ª Edição 1999

Índice

Prefácio	11
Introdução	12
<u>Capítulo um</u>	
b) HOMILÉTICA.....	13
b) Definição	13
b) Seu objetivo primordial	
b) A homilética e a eloquência	
b) Como podemos convencer	
b) Jesus e a homilética.....	15
b) O valor da homilética	15
b) A primeira vantagem	
b) A segunda vantagem	
b) A origem da homilética	16
b) Como termo designativo	
b) A partir do IV século d.C.	
b) RETÓRICA.....	17
b) Noção e definição	17
b) As regras do discurso	
b) As qualidades exigidas	
c) O retor	
b) A divisão da retórica	19
b) Invenção	
b) Disposição	
b) Estilo	
b) Memória	
b) Entrega	
b) ORATÓRIA.....	19
b) Sua extensão	19
b) Os grandes mestres de oratória	20
a) Cícero	
b) Quintiliano	
b) Demóstenes	
<u>Capítulo dois</u>	
A CLASSIFICAÇÃO DOS SERMÕES	22
1. Definição geral	22

• Sermões de natureza homiliasta	
• Sermão inferencial	
• Sermão extemporâneo	
• Sermões especiais	
2. Sermões homiliastas	22
a) Sermão temático	
b) Sermão textual	
c) Sermão expositivo	
3. Sermão Inferencial.....	27
a) Indução formal	
b) Indução bíblica	
4. Sermão extemporâneo	29
a) As vantagens	
b) As desvantagens	
5. Sermões para ocasiões especiais	33
c) Sermão para casamento	
d) Sermão para aniversário, boda, etc.	
e) Sermão acadêmico	
f) Sermão para funeral	
g) Sermão para crianças	
h) Palestras para outros eventos especiais	
B. O ASSUNTO DO SERMÃO	36
1. Orientação geral.....	36
a) A necessidade geral da Igreja	
b) As necessidades individuais	
2. Devemos buscar a orientação divina	37
B. FORMA DE APRESENTAÇÃO DO SERMÃO	37
1. Definição geral	37
c) Ler o sermão	
d) Recitar o sermão	
e) Falar de improviso	
2. A versatilidade de Paulo	38
f) Sermão lido	
g) Sermão recitado	
h) Sermão esboçado	
i) Sermão improvisado	
Capítulo Três	
A. AS PARTES QUE COMPÕEM O SERMÃO.....	39
1. Os elementos gerais do sermão	39
2. As diretrizes básicas da enunciação.....	39
B. O TÍTULO	40
1. Definição	40
2. O título não deve ser negativo	40
3. A divisão do título	40

4. A natureza do título	41
5. A escolha do título.....	41
a) Por ocasião do Natal	
b) No Dia das Mães	
c) No Dia de Finados	
d) No Dia da Independência	
e) No Dia de Ano Novo	
f) Sexta-feira Santa	
g) Sábado de Aleluia	
h) Domingo de Páscoa	
i) Por ocasião dum culto de missões	
j) Num culto evangelístico, etc.	
C. O TEMA	42
1. A síntese do assunto	42
2. O tema e sua função	42
D. O TEXTO	43
1. Definição do texto	43
2. Dependendo da natureza do sermão	43
a) Sermão textual-o texto	
b) Sermão expositivo-a porção	
c) Sermão temático-a passagem	
d) Sermão ilativo-uma inferência	
e) Sermão extemporâneo-uma palavra	
f) Sermões para ocasiões especiais-uma frase	
E. A INTRODUÇÃO.....	44
1. O exórdio.....	44
2. Deve visar diretamente o assunto	44
F. O CORPO DO SERMÃO.....	45
1. Definição.	45
2. O objetivo do sermão	46
3. As divisões do sermão.....	46
a) As divisões	
b) As subdivisões	
c) As transições	
G. A APLICAÇÃO DO SERMÃO	49
1. Convite ou apelo	49
2. O objetivo da aplicação	49
a) No cárcere de Filipos	
b) Em Éfeso	
c) Em Jerusalém, na porta formosa	
H. A CONCLUSÃO DO SERMÃO	50
1. Definição	50
2. A conclusão deve ser conclusiva	50
<u>Capítulo quatro</u>	
A. OS ELEMENTOS TÉCNICOS DA DISSERTAÇÃO	52

1. Os elementos funcionais	52
a) A Bíblia	
b) O texto	
c) O contexto	
d) Osubtexto	
2. Outras formas de expressão	54
a) Os paralelos de palavras	
b) Os paralelos de idéias	
c) Os paralelos de ensinios gerais	
d) A referência	
e) A inferência	
f) A citação	
g) As variantes	
h) As evidências	
i) A dedução	
B. AS ILUSTRAÇÕES	57
1. O valor da ilustração.....	57
2. A capacidade para ilustrar	57
<u>Capítulo cinco</u>	
A. EXERCÍCIOS PARA EDUCAÇÃO E USO	
CORRETO DA VOZ	59
1. As técnicas da comunicação... ..	59
a) Treinamentos adequados	
b) Falar com sentimento e inspiração	
c) Não falar demasiadamente rápido	
d) Usar curtas frases	
e) As qualificativas para o "Ar Livre"	
B. A VOZ E O SEU USO CORRETO	61
1. Pode ser fraca e pode ser poderosa.....	61
2. A intensidade da voz	62
a) O uso da voz na introdução	
b) Falar com ousadia	
c) O cuidado pela voz	
3. A forma correta	64
a) Abrir bem a boca	
b) Falar com muita força	
c) Pronunciar claramente as palavras	
4. Os lábios tensos.....	64
5. Exercícios para desprender a mandíbula	65
a) Movimentação da mandíbula	
b) Exercícios progressivos	
c) A dicção	
6. A ressonância nasal.....	67
7. A respiração adequada.....	68
a) A respiração	

b) A técnica da expiração	
C. A LINGUAGEM MATERNA	69
1. Conhecimento dos ditames da língua.....	69
a) A dúvida	
b) A certeza e a evidência	
c) Evitar os vícios de linguagem	
d) Evitar os jargões	

Capítulo Seis

A. O PREGADOR E SEU COMPORTAMENTO ÉTICO.	72
1. Como usar o corpo e a voz.....	72
2. Os maus hábitos.....	72
3. A postura do pregador	73
B. POSIÇÃO CORRETA	73
1. O corpo	73
2. A posição da cabeça	73
3. A posição do pescoço	74
4. O rosto	74
5. Os olhos.....	74
6. Mexer com os ombros	75
C. OS MOVIMENTOS DO PREGADOR.....	75
1. A estética.....	75
2. O uso das mãos	76
a) Os gestos e a entonação das palavras	
b) Direção correta	
c) No contexto da visualização	
d) O uso dos dedos	
D. O ESTILO EM GERAL	79
1. O estilo propriamente dito	79
2. A beleza	81
3. A clareza.....	83
4. O vigor	84
E. A IMITAÇÃO	84
1. A consciente e a inconsciente	84
2. Naturalidade.....	85

Capítulo sete

A. O AUDITÓRIO E SEUS COMPONENTES.....	87
1. Os elementos básicos	87
2. O auditório.....	87
3. O púlpito	88
a) O formato do púlpito	
b) O púlpito e sua estética	
4. O som	89
a) O microfone	
b) A direção do microfone	
c) A distância entre o pregador e o microfone	

d) A altura do microfone	92
5. A massa humana	92
6. Levantar-se durante o culto	92
B. O LOCAL DEVE SER EXTRATÉGICO	92
1. Escolha do local	92
2. Pregar sob a influência de barulhos e ruídos	93
3. Pregar contra o vento	93
C. IDENTIFICAÇÃO DO AUDITÓRIO	94
1. Os ouvintes	94
2. A importância da mensagem	94
<u>Capítulo oito</u>	
A. FIGURAS DE LINGUAGEM	96
1. Divisão e definição	96
2. Dividiremos em três grupos-a saben	96
a) Figuras de palavras	
b) Figuras de contração	
c) Figuras de pensamento	
B. DIVISÃO GERAL DE CADA FIGURA	97
1. Figuras de palavras:	97
a) Metáfora	
b) Metonímia	
c) Perífrase	
2. Figuras de construção	99
a) Anacoluto	
b) Elipse	
c) Inversão	
d) Onomatopéia	
e) Pleonismo	
f) Polissíndeto	
g) Repetição	
h) Silepse	
3. Figuras de pensamento: retórica geral	101
a) Acróstico	
b) Alegoria	
c) Antítese	
d) Antítipo	
e) Apóstrofe	
f) Dramatização	
g) Enigma	
h) Eufemismo	
i) Exclamação	
j) Fábula	
l) Hipérbole	
m) Interrogação	

- n) Ironia
- o) Parábola
- p) Paradoxo
- q) Personificação
- r) Prosopopéia
- s) Reticência
- t) Retificação
- u) Símbolo
- v) Símile
- x) Sinédoque
- z) Tipo

Bibliografia.....	110
-------------------	-----

Prefácio

Homilética - o pregador e o sermão - escrito pelo consagrado Escriba da Corte, pastor SEVERINO PEDRO DA SILVA, é um verdadeiro MANUAL DE ORIENTAÇÃO para os semeadores da Palavra de Deus na Presente Dispensação.

Nesta obra, o autor nos oferece princípios gerais e elementos funcionais na prática da dissertação e disciplina do pregador.

"Procura... manejar bem a palavra da verdade", forarn as recomendações finais do apóstolo Paulo a seu discípulo Timóteo (2 Tm 2.15). Isto significa, em outras palavras, que o Evangelho precisa ser pregado com conhecimento, convicção, determinação interior, boa disposição, propriedade verbal e coisas assim.

Neste livro, a meu ver, o leitor encontrará todas estas orientações e muito mais.

Recomendo sua leitura, meditação e prática.

São Paulo, capital, 1992

José Wellington Bezerra da Costa

Introdução

Homilética é uma ciência vasta e mui valiosa.

É uma *ciência*, quando considerada sob o ponto de vista de seus fundamentos. Podejambém ser consideráda uma *arte*, quando visualizada em seus aspectos estéticos. E não deixa de ser também concebida como uma *técnica*, quando aplicada no modo específico de sua execução ou ensino.

Esta ciência nasceu como termo designativo, quando os pregadores cristãos começaram a estruturar suas mensagens, embasadas dentro dos princípios da retórica grega e da oratória romana.

A partir do Quarto Século d.C., estes princípios foram sendo introduzidos lentamente na proclamação e ensino da Verdade Divina em reuniões regulares congregadas para o culto a Deus.

Entretanto, somente no Sexto Século d.C., é que esta ciência assume um papel importante com suas técnicas e adaptações às habilidades humanas.

São Paulo, Capital, 1992
O Autor

Capítulo Um

A.HOMILÉTICA

1. Definição

Homilética é a ciência que se ocupa com a pregação cristã e, de modo particular, com o sermão proferido no culto, no seio da - comunidade reunida.

O termo vem da palavra grega HE HOMILIA.

O verbo HOMILEIN era usado pelos gregos sofistas para expressar o sentido de "relacionar-se, conversar".

HE HOMILIA designa, especialmente no Novo Testamento, "o estar juntos, o relacionar-se", e, nos primeiros séculos da Era Cristã, o termo passou a ser usado para denominar a "arte de pregar sermão".

Daí deriva o sentido "homilética" e suas formas de expressão. Desde então e muito cedo, a homilética passou a fazer parte da teologia prática.0)

Sua tarefa não se limita apenas a princípios teóricos, mas concentra-se grandemente no treinamento prático.

a) *Seu objetivo primordial*

O objetivo principal da homilética desde o seu remoto princípio foi orientar os pregadores na dissertação de suas prédicas e, ao mesmo tempo, fazer que os mesmos adquiram princípios gerais corretos e despertá-los a terem idéia dos erros e falhas que os mesmos em geral cometem.

São inúmeras as obras, boas e úteis, em diversos idiomas e de diferentes datas que tratam diretamente desta disciplina. Quando as lemos, descobrimos inúmeros defeitos - em nós mesmos e nos outros -, alguns deles até extravagantes e grosseiros. Com efeito, porém, à medida que vamos lendo estas obras; corrigimos essas falhas que se apresentam. Convém notar que a homilética não é a mensagem. Ela disciplina o

pregador para melhor entregar a mensagem. Não nos esqueçamos: A mensagem é de Deus (Ef 6.19, etc).

Entretanto, não devemos esquecer "que para melhor compreensão e apresentação da mensagem deve haver um certo preparo e treinamento por parte do orador.

b) A homilética e a eloquência

A missão principal da homilética é conservar o pregador (pregador aqui tem sentido abrangente - inclui pessoas de ambos os sexos) na rota traçada pelo Espírito Santo. Ela ensina, onde (e como) se deve começar e terminar o sermão. O sermão tem por finalidade convencer os ouvintes, seja no campo político, forense, social ou religioso. Por esta razão a homilética encontra-se ligada diretamente à eloquência.

A eloquência é a capacidade intelectual de convencer pelas palavras. As palavras esclarecem, orientam e movem as pessoas. O orador que consegue mover as pessoas, persuadindo-as a aceitar suas idéias, é eloqüente, pois a eloquência é a capacidade de persuadir pela palavra. Fala-se de Apolo, um judeu, natural de Alexandria, que era "...eloqüente e poderoso nas Escrituras" (At 18.24b).

c) Como podemos convencer

Existem várias maneiras de persuadirmos ou convenceremos alguém a seguir nossa orientação:

- Pela força moral (princípios e doutrinas) - regras fundamentais.

- Pela força social (costumes, normas e leis) - o direito.

- Pela força física (braços e armas) - a guerra.

- Pela força pessoal (exemplo) - influência psicológica.

- Pela força verbal (falada ou escrita) - retórica.

- Pela força divina (atuação do Espírito Santo) - Ele "...convence..."

O poder da persuasão pode convencer até o próprio Deus!

Moisés, o grande legislador hebreu, pregou para que Deus se arrependesse e conseguiu! Com efeito, Deus se arrependeu e perdoou ao povo (Êx 32.7-14). Jonas, de igual modo, conseguiu o arrependimento do povo ninivita e o arrependimento de Deus (Jn 3.4-10).

2. Jesus e a homilética

No ministério de Cristo, a homilética ocupou o lugar central no que diz respeito a sua propagação plena. Embora fortemente oúzado a dar primazia a outros métodos de abordar o povo, Jesus "...veio pregando" (Mc 1.14). Na sinagoga de Nazaré, o Mestre descreveu a si mesmo como divinamente enviado "...para **evangelizar** os pobres... a **pregar** liberdade aos cativos... a **anunciar** o ano aceitável do Senhor" (Lc 4.18,19).

Os evangelhos nos apresentam quadros inesquecíveis do *Pregador Itinerante*, nas sinagogas, nos montes, nas planícies, à beira-mar, devila em vila, de cidade em cidade - finalmente em *todo o lugar*, trazendo após si multidões quase incontáveis, deixando o povo fascinado com suas palavras de graça e com autoridade do seu ensino.

A pregação de Jesus continha todo o sabor da bondade divina: era um clamor insistente por sua compaixão, e poderoso por sua urgência. A pregação direta é, sem dúvida, um convite à consciência, à razão, à imaginação e aos sentimentos, mediante a declaração da verdade e da graça de Deus, pois produz um efeito mais urgente e eficaz.

3. O valor da homilética

A homilética contribuiu, no sentido geral, na propagação da Palavra de Deus. Duas coisas, contudo, influenciaram grandemente a pregação cristã, levando-a para as formas retóricas.

a) A primeira vantagem

A primeira foi a disseminação do Evangelho entre as nações gentílicas, em cujo seio as tradições e formas judaicas eram pouco conhecidas. Basta lembrarmos da crítica que de Paulo fizeram alguns coríntios, e como se deliciavam em ouvir Apolo, por ser "...eloqüente e poderoso nas Escrituras".

b) A segunda vantagem

A segunda coisa que influiu foi a conversão de homens que já tinham sido treinados na retórica. Muitos deles, dia-a-dia, se tornavam pregadores, e naturalmente usavam seus dotes retóricos na proclamação do Evangelho.

Acrescentemos a essa influência o declínio dos pregadores judeus não cristãos, e veremos como a *homilia* (a arte de pregar)

cedeu lugar proeminente ao sermão elaborado. Por isso, naqueles dias já se definia a homilética "como a ciência que ensina os princípios fundamentais de discursos em público, aplicados na proclamação e ensino da verdade em reuniões regulares congregadas para o culto divino" (Hoppin).

4. A origem da homilética

A homilética propriamente dita, nasceu muito cedo na história humana, embora não como termo designativo *homiletikos* (arte de pregar sermão) e *homilia* (arte de falar elegantemente na oratória eclesiástica), mas como *oratória pictográfica* (sistema primitivo de escrita no qual as idéias são expressas por meio de desenhos das coisas ou figuras simbólicas).

Ela surgiu na Mesopotâmia há mais de 3000 anos a.C., para auxiliar à necessidade que os sacerdotes tinham de prestar contas dos recebimentos e gastos às corporações a que pertenciam e faziam suas prédicas em defesa da existência miraculosa dos deuses do paganismo.

O sistema sumeriano viria a ser o protótipo (primeiro tipo ou exemplo) de outros importantes sistemas de escrita, como o egípcio, por exemplo.

a) Como termo designativo

Entretanto, homilética como termo designativo com suas técnicas, sistematização e adaptação às habilidades humanas, nasceu entre os gregos com o nome de *retórica*. Depois foi adaptada no mundo romano com o nome de *oratória*, e, finalmente, para o mundo religioso com o nome de *homilética*.

- A retórica e a oratória tomaram-se sinônimos para identificar o discurso persuasivo (profano).

- A homilética, entretanto, passou a identificar o discurso sacro (religioso).

b) A partir do IV Século d.C.

A partir desta época os pregadores cristãos começaram a estruturar suas mensagens, seguindo as técnicas da retórica grega e da oratória romana. Com efeito, porém, desde o primeiro século da Era Cristã, esta influência estrutural da homilética já começava a ser sentida no seio do Cristianismo. Não é de se surpreender, portanto, que a maioria dos teólogos cristãos

primitivos compunha-se dos que aceitavam as teorias gregas e romanas, pois muitos deles eram filósofos neoplatônicos convertidos ao Cristianismo ou estavam sob a influência dessas idéias (conforme foi o caso de Justino Mártir, de Clemente de Alexandria, de Orígenes, de Agostinho, de Ambrósio e muitos outros).

B. RETÓRICA

1. Noção e definição

O vocábulo *retórica* (do grego, "rhetor", - *orador numa assembléia*) tem sido interpretado como a arte de falar bem ou *arte de oratória*, isto é, a arte de usar todos os meios e recursos da linguagem com o objetivo de provocar determinado efeito nos ouvintes.

Os gregos sofistas a dividiam em três grupos:

- Política
- Forense
- Epidítica (demonstrativa).

Tratando não somente do estilo, mas também do assunto, da estrutura e dos métodos de elocução em cada caso, os gregos combinavam a técnica dos sofismas com a concepção platônica e aristotélica de que a arte da oratória deve estar a serviço da verdade. A retórica ensinada na Grécia antiga pelos sofistas, fundamentada em princípios disciplinares de conduta, teve origem na Sicília, no V século a.C., através do siracusano Córax e seu discípulo Tísias.

Tísias tornou-se o discípulo mais famoso de Córax.

Quando Córax lhe cobrou as aulas ministradas, Tísias recusou a pagar, alegando que, se fora bem instruído pelo mestre, estava apto a convencê-lo de não cobrar, e, se este não ficasse convencido, era porque o discípulo ainda não estava devidamente preparado, fato que o desobrigava de qualquer pagamento.

O resultado é que Tísias ganhou a questão.

a) *As regras do discurso*

Córax formulou uma série de regras para dividir o discurso em cinco partes:

- Proêmio (prólogo)

- Narração
- Argumentação
- Observações adicionais
- Peroração (epílogo).

As regras estabelecidas por Córax tinham por finalidade orientar os advogados que se propunham a defender as causas das pessoas que desejavam reaver seus bens e propriedades tomados pelos tiranos. Os sofistas foram os primeiros a dominar com facilidade a palavra modulada nestes princípios; entre os objetivos que possuíam, visando a uma completa formação, três eram procurados com maior intensidade: adestrarem-se para julgar, falar e agir. Seu aprendizado na arte de falar consistia em fazer leituras em público, comentários sobre poetas famosos, improvisar e promover debates.

A partir daí, a palavra *retórica* passou a ser usada no campo da comunicação para descrever o *discurso persuasivo*, quer escrito ou falado.

b) As *qualidades exigidas*

Os oradores sofistas, entre eles, Górgias, Isócrates (que viveu de 436 a 338 a.C., e implantou a disciplina da retórica no currículo escolar dos estudantes atenienses) e muitos outros, exigiam várias habilidades dos oradores. Entre todas, quinze são consideradas imprescindíveis: memória, habilidade, inspiração, criatividade, entusiasmo, determinação, observação, teatralização, síntese, ritmo, voz, vocabulário, expressão corporal, naturalidade e conhecimento.

Filósofos destacados como Platão (430-347 a.C.), Aristóteles (382-322 a.C.) e Cícero (106-44 a.C.) deram muita atenção aos princípios a serem seguidos por quem desejasse levar os homens a crerem e agirem.

Paulo, pelo que parece, observou que estes princípios retóricos levaram alguns oradores cristãos aos extremos, firmando-se apenas em "...sublimidade de palavras ou de sabedoria..." (1 Co 2.1). Era esta a época em que os "...gregos buscavam sabedoria".

c) O *retor*

O retor, entre os gregos, era o orador de uma assembléia. Entre nós, entretanto, a palavra *retro* veio a ter o significado

pomposo de *mestre de oratória*. O objetivo do retor (orador retórico) era, através de seu discurso laureado, o de persuadir os sentimentos nas discussões e nas deliberações sobre os problemas na democracia grega.

As reuniões eram processadas nas praças ou no Areópago. Logo se percebeu que os cidadãos falantes, de fácil verbo, se expressavam mais adequadamente, dominavam a situação, sentiam-se sempre vitoriosos, tornavam-se admirados pelas multidões e galgavam os melhores postos na comunidade. Não demorou para que todo o mundo desejasse conquistar os segredos dessa nova arte.

2. A divisão da retórica

Entre os gregos e os romanos, os discursos retóricos deviam ser modulados em cinco pontos, a cada um dos quais foram associadas muitas sugestões para o bem falar.

a) Invenção

A invenção consistia na coleta e planejamento do uso dos materiais e idéias, a fim de influenciar aos ouvintes. Três tipos de apelo que o orador pode fazer. São:

- Apelos lógicos baseados na evidência e no raciocínio.
- Apelos emocionais baseados nos impulsos e sentimentos.
- Apelos éticos baseados no caráter, personalidade, experiência e reputação do orador.

b) Disposição

Consistia no arranjo do material na ordem destinada a servir melhor o propósito do orador.

c) Estilo

Nesse sentido Aristóteles foi o maior deles. Consistia no uso de palavras para transmitir a mensagem da maneira mais eficaz.

d) Memória

Consistia em lembrar a mensagem a ser transmitida.

e) Entrega

Consistia no uso correto da voz e do corpo para apresentar a mensagem aos ouvintes.

Depois, com a grande influência do Cristianismo, passou-se a distinguir a retórica da homilética e alguns princípios éticos foram incorporados a esta última.

C. ORATÓRIA

1. Sua extensão

Convém que o leitor saiba que a retórica inventada pelos gregos passou para o mundo romano com o nome de *oratória* e para o campo religioso com o nome de *homilética*. Entretanto, a partir do IV século d.C., a retórica e a oratória tornam-se sinônimos usados para identificar o discurso profano, e a homilética identifica o discurso sacro, religioso, cristão. A homilética, a partir daí, passou a ser a arte de pregar o Evangelho.

Assim, a oratória (de *oris*, boca) passou a indicar mais a parte técnica do sermão; enquanto que a homilética, as partes práticas e dogmáticas cristãs, que vão do sermão à celebração do culto.

2. Os grandes mestres de oratória

Os romanos sofreram extraordinária influência cultural dos gregos no século II a.C., inclusive na arte da oratória. Com efeito, porém, outros grandes mestres, de diferentes nacionalidades, deram também sua contribuição.

a) Cícero

Cícero foi o maior orador romano. Nascido no ano 106 a.C., preparou-se desde muito cedo para a arte da palavra. Com apenas dez anos de idade, seu pai o deixou aos cuidados de dois mestres da oratória. Aos quatorze anos, iniciou seu aprendizado retórico na escola do retor Plócio e já aos dezesseis anos abraçou a prática da fala, observando os grandes oradores da sua época, que se defrontavam nas assembléias do fórum.

b) Quintiliano

Depois de Cícero, merece atenção especial na história da Arte Oratória romana, Quintiliano. Nascido na metade do primeiro século da Era Cristã, na Espanha, foi para Roma logo nos primeiros anos de vida para estudar oratória. Seu pai e seu avô foram retores e o pai lhe ministrou as primeiras aulas de retórica.

c) *Demóstenes*

Demóstenes, orador grego de extraordinária eloquência, foi contemporâneo de Filipe da Macedônia, que através das Filípicas, Orações Violentas, atacava a sua política, denunciando-lhe as intenções de dominar a Grécia. Demóstenes, considerado um dos maiores e mais perfeitos oradores da antiguidade, obteve êxito na arte de falar, depois de ter superado dificuldades impostas pelas suas próprias deficiências naturais.

Os problemas de respiração, dicção, articulação e postura não lhe creditavam as condições mínimas para que pudesse atingir seu objetivo de tornar-se um orador. Duas qualidades, porém, Demóstenes possuía: a determinação e a vontade.

• **A determinação**

Ao iniciar sua preparação, isolou-se num local onde ninguém pudesse perturbá-lo. Para que a sua concentração e meditação fosse completa... a sua dicção foi corrigida com seixos que colocava na boca e com os quais procurava pronunciar as palavras da forma mais correta possível. Outros maus hábitos, entre eles o de levantar um ombro quando falava, foi também corrigido com disciplina rígida.

• **A força de vontade**

Demóstenes parece ter tido um início difícil e sido filho do próprio esforço. Entretanto, superou todas essas dificuldades. Empregou todas as técnicas e meios engenhosos para conseguir ser o maior orador da antiguidade (declamar diante da praia vencendo com a voz o ruído e barulho das ondas; correr, subindo montanhas íngremes, recitando trechos de autores gregos para desenvolver o fôlego, etc.). O resultado de seu esforço foi gratificante. Ele conseguiu aquilo que almejava!

Capítulo Dois

A. A CLASSIFICAÇÃO DOS SERMÕES

1. Definição geral

Há muitos tipos de sermões e vários meios de classificá-los. Alguns mestres de oratória classificam os sermões de acordo com o *conteúdo* ou *assunto*; outros, segundo a *estrutura*, e ainda outros quanto ao *método* usado na dissertação da mensagem.

Então, os sermões encontram-se classificados assim:

- *Sermões de natureza homiliasta*
 - Temático ou tópico
 - Textual
 - Expositivo
- *Sermão irifereencial*
 - Ilativo
- *Sermão extemporâneo*
 - Improvisado
- *Sermões especiais*
 - Casamentos
 - Aniversários, bodas, etc.
 - Acadêmico, formatura, etc.
 - Funeral
 - Crianças
 - Palestras para outros eventos especiais.

2. Sermões homiliastas

a) *Sermão temático*

Muitas vezes o sermão temático é também chamado de *sermão tópico*, em razão do mesmo principiar com um tópico tirado da Bíblia. Há diferença entre o sermão temático quando

confrontado com os sermões textual e expositivo. O sermão temático não começa com um versículo, ou passagem (longa) especial da Bíblia como fazemos no caso dos sermões textual e expositivo. Salvo, quando se trata de versículos, tais como: "Não matarás" (Êx 20.13); "Jesus chorou" (Jo 11.35), etc. Geralmente, tem início com um assunto, tópico, ou tema. A dissertação do sermão temático não se concentra no texto, ou numa parte das Escrituras, a exemplo do textual e expositivo; e sim, em todas as partes das Escrituras onde aquele tema está em foco. O título principal em tal sermão, naturalmente, não se baseia na análise de um versículo ou passagem, como geralmente se faz nos outros sermões, mas na análise do assunto. A distinção que se faz entre sermões temáticos e sermões textuais diz respeito apenas ao plano do discurso, especialmente no que se refere à fonte de suas divisões. É somente isso que constitui as espécies diferentes; mas, no entanto, tal diferença é de considerável importância na prática. As frases em questão - que alguns substituem por sermões tópicos e sermões textuais, ou sermões sobre assuntos e sobre textos -, não têm sido geralmente empregadas com precisão ou uniformidade.

Uma clara aplicação delas que pode ser bem defendida, é a seguinte: sermões tópicos, ou temáticos, são aqueles cujas divisões provêm do assunto, independentemente do texto; ao passo que sermões textuais são esses cujas divisões são tiradas do próprio texto.

Não se pode determinar especificamente que se pregue sobre este tema ou aquele - isso depende do Espírito Santo e do pregador-, a menos que tal pregador seja apenas um instrumento teórico e não prático. Há certos temas que foram sugeridos pelo Espírito Santo para atender uma necessidade ou necessidades prementes; entretanto, estes temas em outras ocasiões não chegam a produzir efeito ou edificação. A Bíblia trata de todas as fases concebíveis da vida e das atividades humanas. Também revela os propósitos de Deus na Graça para com os homens, no tempo e na eternidade. Assim, a Bíblia contém uma fonte inesgotável de temas, dentre os quais o pregador pode selecionar

material para mensagens temáticas adequadas a toda ocasião e condição em que as pessoas se encontrem.

Na seleção do tema, devemos buscar a direção do Senhor, que no-la dará à medida que passamos tempo em oração e meditação

b) Sermão textual

O sermão textual, de acordo com aquilo que sugere o termo, é aquele em que as divisões principais são derivadas de um texto constituído de uma breve porção da Bíblia. Essa porção pode ser, dependendo da natureza do sermão, **uma linha, um versículo ou até mesmo dois ou três versículos**. Não deve ser mais do que isto, pois nesse caso não se trata mais de uma porção para um sermão textual, e, sim, uma porção para um sermão expositivo.

• A importância do texto

O vocabulário *texto* deriva-se do latim *texere*, cujo substantivo *textus* significa tecer, e que figuradamente quer dizer reunir, construir, compor, e expressa o pensamento em contínuo discurso ou escrita. O substantivo *textus*, então, indica o produto do tecer, o tecido, a trama, e assim, no uso literário, à trama do pensamento de alguém, uma composição contínua.

Os oradores romanos usavam a presente expressão para sugerir a tecedura ou o fundamento das idéias e pensamentos sobre os quais o discurso se baseia.

• Definição teológica

Teologicamente falando, o termo *texto* passou, então, a significar todo o passo, ou trecho bíblico lido pelo pregador, que pode ir de uma linha até um livro inteiro.

Exemplo: Obadias (AT), Filemom, 2 e 3 Epístolas de João e a Epístola de Judas (NT).

• Na literatura

Na literatura, o sentido do texto passou a indicar qualquer porção escrita. A sistematização partiu da leitura de narrativas ou discussões contínuas de algum autor e da adição de comentários, principalmente explicativos, ou de se tomar o próprio escrito do autor e adicionar notas nas margens, ou na parte inferior da página. Assim, a própria obra do autor passou a ser chamada o

texto, para distingui-lo das notas e comentários fragmentados do editor ou orador.

A dissertação do sermão textual é inversa daquela que se apresenta no sermão temático; ali, aquela se baseia no tema e segue; aqui, esta se baseia no texto e segue. Uma das primeiras tarefas do pregador na preparação de um sermão textual é fazer um estudo completo do texto, descobrir nele a idéia dominante e, a seguir, estabelecer as divisões principais. Cada divisão se transforma, pois, numa ampliação ou desenvolvimento do assunto.

• A variação

No sermão textual, o pregador não se prende exclusivamente a um assunto como, por força de regra, acontece com o sermão temático, mas são tratados vários tópicos apresentados pela texto. Tais tópicos, mesmo que não admitam ser combinados num só assunto, devem ter tal relação mútua que dê unidade ao discurso.

c) Sermão expositivo

O sermão expositivo parece um pouco em sua estruturação com o sermão textual. Sendo que, necessariamente, ele assume um caráter mais extenso e progressivo. Define-se este tipo de sermão como aquela mensagem em que uma porção mais ou menos extensa das Escrituras é interpretada em relação a um tema ou assunto.

O sermão temático *gira* em torno de um tema; o textual, em torno de um texto enquanto que o expositivo, em torno de um assunto.

Especificamente, a unidade da mensagem expositiva consiste em um bom número de versículos dos quais emerge uma idéia central. Em outros casos, podemos tomar como base para nossa exposição um capítulo completo, ou um livro completo da Bíblia.

Para exemplificar: Uma exposição sobre a vida do patriarca Jó. Deve-se, nesse caso, tomar como base todo o seu livro do capítulo 1 ao 42. É claro que não leremos no início do sermão todos estes capítulos. Entretanto, por força do argumento, aqui,

ali e acolá, temos que fazer uma citação tópica, pois somente assim o sermão apresentaria unidade e estilo de natureza expositiva.

Se nossa exposição tem como base o Sermão do Monte pregado por Jesus, é óbvio que tomaremos como base três capítulos do livro de Mateus (5,6,7) e ainda uma pequena porção do capítulo 8.

Numa exposição sobre lágrimas, ou sobre alguém que chorou, teríamos como base João 11.35: "Jesus chorou". Neste caso, o pregador exploraria a largura, o comprimento, a altura e a profundidade do versículo em foco, e assim teria material substancial para toda a dissertação do sermão.

Na apresentação dum sermão expositivo, requer-se maior preparo para o pregador. Razão por que uma mensagem desta natureza engloba assuntos de variados temas. Neste caso, a escolha do tema ou assunto, deve ser bem definida. Além desta escolha, o pregador deve se ater a uma série de recursos internos e externos que lhe possibilitem melhor apresentação do sermão.

Durante a fase preparatória, o pregador precisa reunir todos os recursos que estiverem ao seu alcance.

1) A escolha da passagem

- Deve ser um texto completo: ditado, parágrafo, secção, parábola, livro. Uma unidade literária.

- Deve ter integridade hermenêutica - tudo que se expõe deve ser fiel ao texto e argumento principal.

- O contexto deve estar em sintonia direta com o texto e se coadunar em cada detalhe do subtexto e outras formas de expressão.

- Deve ter coesão - um colar de pedras preciosas.

- Deve ter movimento e direção - leva o ouvinte para a frente.

- Deve ter aplicação prática na vida.

2) Familiarização com o texto

Ler várias vezes. Campbell Morgan opina que se deve ler o texto 50 vezes antes do sermão.

- Luiz King: para um sermão modelo e completo (um ano), 8h por dia.

- Ler o livro da Bíblia onde o texto está encravado várias vezes com o propósito de descobrir o sentido retrospectivo e prospectivo.

- Leitura sintética - buscar o tema principal, o desenvolvimento do tema e subsídios para o esboço.

- Leitura biográfica - tudo que lança luz sobre o autor e os indivíduos importantes mencionados no episódio.

- Leitura histórica - buscar a situação histórica, social, geográfica e cultural do escritor e seus leitores (contemporâneos) originais.

- Leitura teológica - buscar ensinamento doutrinário e pressuposições que levam o autor a argumentar tal como ele faz.

- Leitura teórica - notar as figuras de linguagem, tantas a de cor como de forma.

- Leitura tópica - buscar os assuntos principais no livro sagrado, tais como éticos, práticos ou doutrinários.

- Leitura analítica - buscar o inter-relacionamento entre frases e palavras.

- Leitura devocional - buscar o alimento espiritual com atenção à voz de Deus.

Um sermão expositivo é, de fato, uma exposição por ordem, baseada no contexto duma acurada investigação!

Eis a razão por que recomenda-se ao pregador abstenção total para com a preguiça. A preguiça, como um dos pecados capitais, destrói a oportunidade e mata a alma, pois significa "aversão ao trabalho, indolência, vadiagem, negligência, ociosidade, descuido" (N.K.).

3. Sermão Inferencial

O sermão inferencial é também conhecido como *sermão ilativo*. São vários os elementos que constituem a natureza deste sermão; com efeito, porém, o elemento central nesta categoria de sermão é o da *indução*. A indução pode ser definida de duas maneiras: a formal e a bíblica.

a) Indução formal

Mills a define assim: "Indução é essa operação mental pela qual inferimos que aquilo que sabemos ser verdade num caso particular, ou em casos particulares, é também verdade em todos

os casos semelhantes ao primeiro, nos mesmos alegados respeito".

N. K. Davis opina assim: "Indução é uma *inferência imediata* que se generaliza da experiência e além dela". Em termos mais claros e simples, indução é o *processo de se extrair (obter) uma regra geral dum número suficiente de casos particulares*. Indução assim definida, é um raciocínio pelo qual o espírito, de dados singulares suficientes, infere uma verdade universal. Esta verdade pode até mesmo ser falsa (empírica); entretanto, na imaginação é verdadeira.

A indução é o inverso da dedução. Com efeito, está no raciocínio dedutivo a conclusão contida nas premissas como *a parte no todo*, enquanto que, no raciocínio indutivo, a conclusão está para as premissas como *o todo para as partes*.

- **Dedução**

- O metal conduz eletricidade.
- Ora, o ferro é um metal.
- Logo, o ferro conduz eletricidade.

- **Indução**

- O ferro, o cobre e o zinco conduzem eletricidade.
- Ora, o ferro, o cobre e o zinco são metais.
- Logo, o metal conduz eletricidade.⁽³⁾

- b) **Indução bíblica**

O Dr. Genung acha que indução bíblica deve ser entendida como uma forma de analogia. Assim entendida, podemos tirar alguns exemplos de sermões indutivos tanto no Antigo como no Novo Testamentos.

No episódio entre Davi e Bate-Seba, a parábola do profeta Natã é sem dúvida **um sermão indutivo**. A referência aparece no versículo **um** e a inferência no versículo **dois**. No versículo **um** a expressão "um rico e outro pobre", não é analogia. Porque, de fato, Davi era rico; Urias era pobre em relação ao rei. Já no versículo **dois**, a expressão "muitíssimas ovelhas" é inferência. É inferência porque a expressão *ovelhas*, nesse caso, é tomada para representar as mulheres e concubinas de Davi. No versículo 3, a expressão "o pobre" continua sendo referência; enquanto que a expressão "pequena cordeira" é inferência. No decorrer da

dissertação inferencial, o profeta levou o rei a despertar seu estado de consciência. A seguir, Natã fez a aplicação do sermão e o rei se arrependeu. O sermão inferencial ou indutivo também pode ser pregado através de uma circunstância, uma maravilha, um evento.

No episódio de Lázaro, de Betânia, não foram propriamente as palavras proferidas por Jesus que convenceram os judeus, e, sim, o efeito extraordinário do milagre operado por Ele. Observemos a inferência entre linhas: "E os principais dos sacerdotes tomaram deliberação para matar também a Lázaro; porque muitos dos judeus, por **causa dele**, iam, e **criam** em Jesus". Ora, numa referência direta, se crê, por causa de Jesus; entretanto, numa inferência, afirma-se que os judeus criam em Jesus por causa de Lázaro (Jo 12.10,11).

Com respeito a João Batista se diz o seguinte: "Na verdade João não fez sinal algum, mas tudo quanto João disse deste era verdade. E muitos ali creram nele" (Jo 10.41,42). Aqui, nesta passagem, encontramos um verdadeiro sentido de indução. Isto é, "...que aquilo que sabemos ser verdade num caso particular... é também verdade em todos os casos semelhantes ao primeiro".

4. Sermão Extemporâneo

Este tipo de sermão (o mais usado pelo povo de Deus em geral, especialmente pelos grupos pentecostais) é também chamado de *sermão de enunciação livre*. O sentido técnico deste termo significa, primeiramente, falar sem preparação prévia, simplesmente com os recursos do momento. A expressão coloquial para isso é *falar de improviso, falar sem apoio*.

Com efeito, o sermão de enunciação livre não significa, de todo, que o pregador não tenha uma preparação de pensamento; pois, evidentemente, com o passar dos anos, o pregador consegue arrumar na imaginação uma bagagem imensa das experiências espirituais mais profundas. Com efeito, entretanto, o sermão extemporâneo deve ser sugerido diretamente pelo Espírito Santo. Quando assim acontece, não existe nenhuma desvantagem. Quando, porém, ele surge dentro de uma necessidade

momentânea, pode trazer suas vantagens e suas desvantagens, conforme estudaremos em secções posteriores.

Spurgeon afirma que muitas vezes passou por experiências assim: pregar uma outra mensagem e não aquela que de antemão tinha preparado. Ele lembra ter passado por vários episódios desta natureza, mas um deles marcou terminantemente seu ministério de pregador. Ele narra o que segue:

"Uma vez, na rua New Park, passei por experiência singular. Eu tinha passado com felicidade por todas as partes iniciais do culto de domingo à noite, e estava anunciando o hino anterior ao sermão. Abri a Bíblia para achar o texto que tinha estudado cuidadosamente como o tópico do discurso, quando na página oposta outra passagem da Escritura saltou sobre mim como um leão de uma moita, com muitíssimo mais poder do que eu sentira ao considerar o texto que havia escolhido.

"O povo cantava e eu suspirava. Eu estava espremido de ambos os lados, e minha mente pendia como em pratos de balança.

"Naturalmente, eu estava desejoso de seguir a trilha que tinha planejado cuidadosamente, mas o outro texto não queria aceitar recusa, e parecia puxar-me pela orla do casaco, gritando: *Não, não! Você tem que pregar sobre mim. Deus quer que você me siga.* Eu deliberava dentro de mim quanto ao meu dever, pois não queria ser nem fanático nem incrédulo, e por fim pensei comigo mesmo: *Bem, eu gostaria de pregar o sermão que preparei, é um grande risco meter-me a traçar nova linha de pensamento. Mas como esse texto insiste em constranger-me, talvez seja do Senhor, e portanto me aventurei com ele, venha o que possa vir.* Quase sempre anuncio as minhas divisões logo depois da introdução, mas nessa ocasião, contrariamente ao meu costume, não o fiz, pela razão que talvez alguns de vocês (seus alunos) adivinhem.

"Passei pelo primeiro subtítulo com considerável liberdade, falando perfeitamente, de improviso, quanto ao pensamento e à palavra. O segundo ponto foi tratado com a consciência de um poder incomum, tranqüilo e eficaz, mas eu não tinha idéia do que seria ou poderia ser o terceiro, pois o texto

já não oferecia mais conteúdo, e eu nem poderia dizer agora o que teria feito, se não ocorresse um fato que eu nunca teria imaginado. Tinha me metido em grande dificuldade, obedecendo ao que julgava ser um impulso divino, e me sentia relativamente sossegado sobre isso, crendo que Deus me socorreria, e sabendo que ao menos poderia encerrar a reunião se não houvesse mais nada que dizer. Não tinha que ficar deliberando, pois de repente ficamos em completa escuridão. O gás se acabara, e os corredores da igreja estavam repletos de gente, e os lugares todos estavam superlotados; havia grande perigo, mas também houve grande bênção. Que deveria fazer eu então? Os presentes assustaram-se um pouco, mas eu os tranqüilizei na hora, dizendo-lhes que não se alarmassem por faltar a luz, pois logo seria reacendida; e quanto a mim, como não tinha manuscrito, podia falar com luz ou sem luz, desde que eles tivessem a bondade de sentar-se e ouvir. Se o meu discurso fosse muito elaborado, seria absurdo continuá-lo. E assim, no aperto em que eu estava, fiquei livre do embaraço. Voltei-me mentalmente para o bem conhecido texto que fala do filho da luz andando nas trevas, e do filho das trevas andando na luz, e vi que se me derramavam observações e ilustrações apropriadas; e quando as luzes se acenderam, vi diante de mim um auditório tão arrebatado e subjugado como nenhum outro homem jamais viu em sua vida.

O estranho nisso tudo foi que, passadas algumas reuniões da igreja, duas pessoas foram à frente para fazer a sua confissão de fé, e declararam que foram convertidas naquela noite. A primeira deveu a sua conversão à primeira parte da pregação, sobre o novo texto que me viera, e a outra atribuiu o seu despertamento à última parte, ocasionada pela súbita escuridão. Todos os pregadores agrupando-se em torno do seu ministério. Portanto, digo: observem o curso da Providência... subam ao púlpito firmemente convictos de que receberão uma mensagem quando chegar a hora, mesmo que não tenham uma palavra naquele momento."

Quando, porém, o sermão extemporâneo é pregado apenas por circunstâncias, não deixa de apresentar suas vantagens e

desvantagens. O Dr. John A. Broadus apresenta estas vantagens e desvantagens. Elas são:

a) As vantagens

- Este método acostuma a pessoa a pensar mais rapidamente, e com menor dependência de recursos externos, do que habitualmente dependesse de um manuscrito.

- Este método poupa tempo para o melhoramento geral e para outros deveres pastorais... (se se trata de um ministro).

- No ato da apresentação, o que prega extemporaneamente goza de extraordinárias vantagens. Com muito maior facilidade e eficácia do que se lesse ou recitasse o sermão, o pregador pode aproveitar as idéias que lhe ocorrem no momento.

- Toda a massa do material que se preparou (na mente) se apresenta iluminada, aquecida, e algumas vezes transfigurada, pela inspiração da apresentação, da enunciação. O discurso instintivamente se transporta para uma tonalidade mais elevada.

- O pregador pode observar o efeito de suas palavras à medida em que vai falando, e pode propositadamente alterar suas formas de expressão, bem como o modo de enunciação, de acordo com o seu próprio sentir e de acordo com o sentir de seus ouvintes.

- Somente na fala de improviso podem a voz e a ação dos olhos ser justamente aquilo que a natureza dita, a alcançar todo o poder que eles possuem.

- É ainda grande vantagem deste método o facilitar a apresentação sem preparo imediato. Muitas vezes as palavras proféticas de Jesus se cumprem neste sermão: "...Naquela mesma hora vos será ministrado o que haveis de dizer. Porque não sois vós quem falará, mas o Espírito do vosso Pai é que fala em vós" (Mt 10.19,20).

- Para as massas populares, é este o método popular.

a) As desvantagens pensar e de se expressar extemporaneamente sem qualquer ajuda. Apenas "...persiste em exortar e ensinar" (desiste de ler).

- Há certa dificuldade de se fixar a mente no trabalho de preparação, quando não se escreve todo o discurso e há facilidade de se aprender alguns pontos importantes do sermão.

- Outra desvantagem mui séria do método extemporâneo está na tendência de impedir a formação do hábito de escrever... O escrever provoca e promove a segurança dos pensamentos, bem como a exatidão da afirmação com evidência e certeza.

- Se se pregar de novo o sermão, e ele não estiver escrito no seu todo, certamente isso exigirá nova preparação. Outrossim, com a morte do pregador o sermão termina, enquanto que sendo escrito, continua!

- Aquele que improvisa, não pode citar tanto as Escrituras como o que lê, ou mesmo fazer largas citações de outros escritos.

- O estilo dum sermão pregado extemporaneamente é menos condensado e pode também sofrer defeitos na conclusão, o que não aconteceria com um sermão escrito, lido ou recitado.

- Outra desvantagem semelhante e mais séria ainda está no perigo de se cometer erros ou gafes (indiscrição involuntária) em afirmações.

- O êxito dum sermão extemporâneo depende grandemente dos sentimentos do pregador na ocasião da apresentação, ou enunciação, e também das circunstâncias, de modo que ele corre o perigo de completo insucesso.

- Por último, ocorre o perigo do pregador se esquecer das linhas de imaginação.

Diante destes argumentos, alguém perguntará: "Devemos pregar com ou sem esboço?" A Bíblia nos ensina que devemos "crescer na graça e no conhecimento...". Este pensamento da Bíblia aplicado no campo da homilética sagrada, ensina-nos o seguinte: Devemos pregar (ou ensinar), tendo como orientação técnica um esboço e como orientação divina o Espírito Santo. Jesus disse: "...deveis, porém, fazer estas coisas, e não omitir aquelas" (cf. Mt 23.23). Entretanto, se a "agradável, e perfeita vontade de Deus" é que preguemos sem nos determos a nenhum destes recursos apresentados, devemos seguir sua orientação, dizendo: "não se faça a minha vontade, mas a tua".

5. Sermões para ocasiões especiais

a) Sermão para casamento

O sermão para casamento trata-se mais de uma mensagem prática, cheia de várias recomendações, do que propriamente um sermão analítico com regras e técnicas preestabelecidas.

Alguns pregadores fazem uma introdução, lendo partes selecionadas das Escrituras, e depois apresentam o conteúdo do sermão, trazendo reminiscências oportunas de exemplos bíblicos.

- O conteúdo:

O assunto principal num sermão para casamento, ou sermão nupcial, está baseado em passagens alusivas a tais acontecimentos. O pregador, nesse caso, deve ter ampla liberdade para escolher o texto ou passagem que melhor facilite sua dissertação.

- b) Sermão para aniversários, bodas, etc.

Sermão para aniversários, bodas ou outras ocasiões festivas, varia em sua forma de apresentação, pois estão em foco, nestas comemorações, pessoas, instituições e objetos. Ele deve ser:

- Histórico (um breve relato sobre a origem, a existência, etc.).
 - Expositivo (uma descrição do presente).
 - Escatológico (uma boa perspectiva para o futuro).

- O conteúdo:

As associações de idéias do momento podem sugerir algumas vezes ligeiras modificações ou peculiaridades de alusão, de ilustração e de estilo; entretanto, Cristo deve ser o tema central do início ao fim.

- c) Sermão acadêmico

O sermão acadêmico se refere aos sermões pregados em qualquer instituição de ensino: seja ela primária, média ou superior.

- O conteúdo:

O assunto central nestas ocasiões deve ser Cristo crucificado!

Nunca se deve pregar um sermão retórico de ciência e de erudição, pois este é o assunto diário desses professores e alunos.

- d) Sermão para funeral

De todos os sermões é este o mais difícil de se pregar. Mormente porque foi este o único exemplo que nosso Senhor não nos deixou. Ele nunca foi a um sepultamento; portanto, nunca realizou uma cerimônia fúnebre! Com efeito, porém, os exemplos bíblicos de outras ocasiões e as evidências nos ensinam que este sermão deve ser breve, simples e de fácil compreensão, para não perder seu objetivo principal.

Por ocasião de um sepultamento, o povo prefere quase sempre um ofício religioso simples, talvez com uma fala breve, em memória do falecido, ou várias falas em caso de interesse especial.

- O conteúdo:

Enrystecidos e abrandados, os presentes sentem profunda necessidade da misericórdia e da graça de Deus; então, é uma oportunidade de meditação e consideração. Aproveitando este momento, o pregador pode prazerosamente (mais sóbrio) chamar a atenção de todos para o evangelho da consolação e incutir a necessidade da piedade pessoal, a fim de que todos estejam preparados para o viver e o morrer. E de grande importância, portanto, que o argumento central sirva para consolar os enlutados e levar os presentes a um momento de meditação sobre um futuro encontro com Deus.

- e) Sermão para crianças

Em geral, o sermão para crianças deve produzir três coisas:

- Interesse
- Instrução
- Impressão

Freqüentemente, dizem os pedagogos: "No infante predomina a imaginação; na criança de 10 a 12 anos a memória; e já até o seu maior desenvolvimento se tornam mais ativos os poderes de abstração e raciocínio". A criança não tem muita paciência, distrai-se com relativa facilidade; seus pensamentos mudam constantemente de lugar, e é difícil fazê-la prestar atenção num determinado assunto por tempo prolongado. Quanto mais rápido for o sermão, mais chances terá de atingir seus objetivos. Por esta razão, alguém aconselha pregar um sermãozinho e não um sermão retórico e prolongado.

- O conteúdo:

Nunca o pregador deve transmitir um sermão para crianças pensando apenas em diverti-las! Não! As crianças precisam entender que estão aprendendo alguma coisa e precisam ver também que lhes estamos querendo fazer algum bem. Para alcançarmos tais objetivos, devemos, pois, falar a elas sobre fatos e verdades interessantes e instrutivas, usando palavras concretas e conhecidas delas, sem argumentação formal, sem processos analíticos, sem idéias abstratas.

O LIVRO SEM PALAVRAS

Um dos métodos mais atraente e instrutivo para se falar à imaginação da criança, ao seu coração e à sua consciência, é o *livro sem palavras*. Este livro, geralmente, é constituído de cartolina ou de outro material apropriado. Seu número de páginas, deve ser, no geral, cinco, pois num sermão normal isso significaria cinco divisões especiais. Cada página deste livro contém uma cor diferente.

- Página dourada: Esta página dourada fala do Céu. Então o pregador deve fazer uma exposição concisa sobre o Céu e suas formas de expressão; com citações bíblicas e exemplos adequados.

- Página preta: Esta página é tomada para representar o pecado. Nesse caso, o pregador deve contar para as crianças toda a história do pecado: sua origem, natureza e seus males sombrios. E depois, apresentar na página seguinte (a vermelha) a solução para estes males.

- Página vermelha: Esta página representa o precioso sangue de Cristo. Então o pregador deve aqui contar toda a história da redenção.

- Página branca: A página branca representa o coração limpo, a pureza da alma, que o Senhor Jesus já purificou. Nesse caso devemos falar às crianças da santificação, purificação, etc.

- Página verde: Esta fala da nova vida que recebemos na hora em que aceitamos Jesus como Salvador. O pregador deve então falar sobre a vida eterna e tudo aquilo que diz respeito a uma vida feliz.

f) Palestras para outros eventos especiais

São inúmeras as ocasiões em que se requer a presença dum pregador com habilidades e técnicas essenciais, tais como:

- Dedicação de templo,
- Apresentação de crianças,
- Recebimento e despedida de missionários ou obreiros em geral,
- Batismo,
- Santa Ceia,
- Outras datas comemorativas, etc.

Entretanto, não devemos nos esquecer que o próprio evento, circunstâncias e local inspirarão o obreiro para criatividade e apresentação da mensagem coloquial. Recomendamos ao leitor que compre e faça uso de um manual que trate especificamente destes assuntos. O apóstolo Paulo, quando pensava nestes momentos, disse: "...O Senhor te dará *entendimento* em tudo" (2 Tm 2.7b).

• O conteúdo:

Algumas vezes, certas ocasiões facilmente podem tornar o pregador superficial. Entretanto, se ele é realmente um homem de Deus, nenhuma influência externa modificará sua personalidade. Então, como sempre, seu assunto central deve ser Cristo!

B. O ASSUNTO DO SERMÃO

1. Orientação geral

O sermão pode ter um texto, e pode também não o ter. Com efeito, porém, deve sempre ter um assunto. De modo definitivo, deve tratar de alguma coisa, de alguma verdade importante, relacionada com a vida religiosa. O assunto deve estar presente, especialmente quando o poder de Deus atua ininterruptamente na Igreja. Paulo diz, por amor de seu argumento: "Que fazes pois, irmãos? Quando vos ajuntais, cada um de vós tem salmo, tem doutrina, tem revelação, tem língua, tem interpretação..." (1 Co 14.26). Noutras palavras, o que não faltava na Igreja de Corinto era assunto para se falar.

Dois princípios fundamentais devem estar presentes na escolha do assunto:

a) A necessidade geral da Igreja

As necessidades gerais da Igreja são vistas à primeira vista como um todo. Elas absorvem um assunto doutrinário, ou um princípio ético, um problema moral, pessoal, ou social, uma necessidade humana como a de ser salvo, encorajado, ou guiado na vida religiosa e daí por diante. Estes assuntos são desenvolvidos dentro do contexto de nossa experiência e preparo teórico.

b) As necessidades individuais

As necessidades individuais são de naturezas prementes. Na maioria das vezes, essas necessidades não estão expostas como as outras necessidades comuns da vida.

2. Devemos buscar a orientação divina

O pregador ideal e compassivo não confia apenas em suas habilidades e capacidades de discernimento, mas procura a todo custo, nos santos pés do Senhor, o lenitivo necessário de que a Igreja e o povo em geral precisam. O homem espiritual tem sempre esta experiência!

C. FORMA DE APRESENTAÇÃO DO SERMÃO

1. Definição geral

Sempre, uma vez por outra, escutamos esta pergunta: "Qual a melhor forma de se apresentar o sermão: ler, recitá-lo ou pregá-lo de improviso?"

No caso de grupos especiais, tais como os surdos-mudos, etc., adota-se a mímica (arte de exprimir o pensamento por meio de gestos). Entretanto, tratando-se de pessoas normais, pode-se, dependendo das circunstâncias, adotar estes métodos:

a) Ler o sermão

Esta maneira de apresentar um discurso tem grande valor e não deixa de ser válida na oratória, quando se trata dum discurso pronunciado numa assembléia, num parlamento, num fórum, em solenidades públicas ou privadas. Entretanto, tratando-se de homilia sagrada, torna-se monótono e cansativo. A leitura, por

mais bem feita, não transmite empolgação e vibração nos ouvintes.

b) Recitar o sermão

Este método de se apresentar o sermão, pode trazer vantagem e desvantagem para o pregador.

Vantagem, porque recitar, ou declamar sua própria composição, daria ao sermão uma apresentação tecnicamente perfeita. Nesse caso, também a memória do pregador desenvolve com domínio e coordenação. E, na verdade, a melhoria real da memória é coisa de grande valor.

Desvantagem, porque mesmo que seja bem declamado, não deixa de tornar-se um sermão um pouco robotizado. A mensagem fica completamente mecanizada e o pregador estático. Também aqueles pensamentos e idéias preestabelecidas afastam os pensamentos e idéias que surgirem pela primeira vez. Há também o perigo da memória falhar, e assim o sermão naufragar,

c) *Falar de improviso*

Neste sentido, devemos ter em mente dois pontos importantes:

- **Primeiro:** falar de improviso não significa que, de todo, o pregador não seja auxiliado (ou orientado) por um pequeno (ou grande) esboço, ou anotações; e, sim, que sua mensagem veio momentaneamente direta de Deus, foi colocada no papel (em forma tópica) e, através dos olhos, retransmitida novamente para a mente onde será ampliada. De acordo com o que entendo e até onde sei, este é o melhor método de apresentação do sermão.

- **Segundo:** falar, mesmo de improviso, no mais lato sentido da palavra. Nesse caso, o pregador não se vale de nenhum auxílio externo.

2. A versatilidade de Paulo

Parece que, segundo a luz do contexto parafraseante, o apóstolo Paulo valia-se do método mais apropriado para o momento. Então ele diz:

a) Sermão lido

"A palavra está junto de ti..." (Rm 10.8a).

b) Sermão recitado

"A palavra está na tua boca..." (Rm 10.8b).

c) Sermão esboçado

"A palavra está no teu coração..." (Rm 10.8c).

d) Sermão improvisado

"Orando por mim...para que me seja dada, no abrir da minha boca, a palavra..." (Ef 6.19).

No sermão improvisado (dizia Crisóstomo), Deus fala muito e o homem fala pouco.

Capítulo Três

A. AS PARTES QUE COMPÕEM O SERMÃO

1. Os elementos gerais do sermão

Os *elementos gerais* (ou funcionais) que compõem o sermão, conforme a divisão correta, são:

- O título
- O tema
- O texto
- A introdução
 - exórdio
 - introdução central -intróito
- O corpo do sermão
 - divisões, subdivisões e transições
- A aplicação do sermão
- A conclusão do sermão.

2. As diretrizes básicas da enunciação

Alguém poderá então perguntar: Por que tantos elementos funcionais na composição do sermão? Estabelecer uma idéia central como âmagô do sermão nem sempre é fácil, especialmente quando se trata de sermões textuais e expositivos. É aí, segundo a divisão correta, que necessariamente deve o pregador fixar sua mente e a de seus ouvintes sobre as palavras, frases e cláusulas do título, do tema e do texto. Somente assim eles terão percepção correta do assunto em discussão.

B. O TÍTULO

1. Definição

O *título*, como sabemos, é a primeira parte do sermão. A função do título é chamar a atenção, interessar e atrair as pessoas. Ele dá nome ao sermão, como uma peça literária completa. Não devemos confundir o título com o tema. O título dá nome ao *conteúdo*. O tema dá nome ao *assunto* em discussão.

O título deve ser bem sugestivo para que possa despertar atenção ou curiosidade. Tem de ser atraente, não pelo uso de mera novidade, mas por ser de vital interesse às pessoas.

Para ser interessante, o título deve relacionar-se com as situações e necessidades da vida. Muitas circunstâncias, tanto internas como externas, influenciam a vida e o pensamento da Igreja, ou do auditório em geral. Épocas de bênçãos espirituais, dias de provações, prosperidade ou adversidade, sublevações sociais ou políticas, comemorações e aniversários, ocasiões de regozijos ou de lutas. Tudo isso, bem como os assuntos pessoais dos membros da congregação, influenciam as pessoas a quem o pregador ministra.

2. O título não deve ser negativo

O pregador nunca deve usar títulos extravagantes ou negativos. Embora procuremos criar interesse, usando um título atraente, é preciso manter sempre a dignidade devida à Palavra de Deus. Certa feita tive o desprazer de ouvir um pregador transmitir um sermão baseado no seguinte título: "Cristo não pode". Enquanto que o tema trazia a seguinte frase: "Sete razões porque Cristo não salva".

Título dessa natureza e tema extravagante assim, nem salva e nem converte a ninguém. Ele expressa uma mensagem negativa. "Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o que se havia perdido" (Lc 19.10).

Melhor seria pregar:

"Três razões porque Cristo salva". Sem dúvida alguma, o resultado seria glorioso!

3. A divisão do título

O título pode ser, segundo a divisão correta, local, geral ou intermediário.

- *Local*, quando se prende apenas a um assunto ou obra literária.

- *Geral*, quando encabeça outros títulos.

- *Intermediário*, quando transita entre o título local e o geral. O título intermediário também pode ser definido como sendo o subtítulo.

O subtítulo, quando é uma parte apenas do título geral, também pode ser chamado de *título parcial*. De acordo com as regras homilíastas, o título deve ser breve. Há ocasiões em que é necessário usar uma sentença completa, mas concisa.

4. A natureza do título

A natureza do título pode ser **declarativa**, **interrogativa**, **afirmativa** ou **exclamativa**.

Biblicamente falando, pode ser apresentado este gráfico assim:

- *Declarativa*

"O que Deus não pode fazer" (curiosidade) - Tito 1.2.

- *Interrogativa*

"Onde está Jesus?" (vontade de conhecer) - Mateus 2.2.

- *Afirmativa*

"Jesus foi e voltará" (a evidência e a certeza) - João 14.3.

- *Exclamativa*

"Para mim o viver é Cristo!" (determinação) - Filipenses 1.21.

5. A Escolha do Título

Na homilética, a escolha do título deve ser mais um assunto particular de cada pregador. Cada um de nós tem as vantagens e as desvantagens para desenvolver um tema baseado num certo título. Há pregadores que se amoldam a certos títulos e outros não. Entretanto, certas ocasiões são sugestivas para a escolha do título. Exemplo:

a) *Por ocasião do Natal*:

- "O presente de Deus".

- b) *No Dia das Mães*
 - "Amor e ternura exemplificados".
- c) *No Dia de Finados*
 - "A esperança da ressurreição".
- d) *No Dia da Independência*
 - "Liberdade e Fraternidade".
- e) *No Dia de Ano Novo*
 - "Uma nova etapa" (aguardando nova esperança, etc.).
- f) *Sexta-Feira Santa*
 - "A morte de Cristo".
- g) *Sábado de Aleluia*
 - "O silêncio de Cristo".
- h) *Domingo de Páscoa*
 - "O Cristo Redivivo".
- i) *Por ocasião dum culto de missões*
 - "A Igreja e sua missão prioritária",
- j) *Num culto evangelístico*
 - "O IDE de Cristo em evidência", etc.

Em algumas ocasiões estes títulos são sugeridos diretamente pelo Espírito Santo.

C. O TEMA

1. A síntese do assunto

O tema é a segunda parte do sermão e vem depois do título, pela ordem correta. É a síntese do assunto em discussão. Vem de uma raiz grega "théma" que significa *ponho, coloco, guardo, deposito*, trazendo assim a idéia de algo que está dentro, ou no meio de alguma coisa. Dentro do sermão (em síntese) é exatamente esta aposição do tema. Sua posição técnica no sermão encontra-se entre o título e o texto.

2. O tema e sua função

A função do tema é sintetizar o assunto e personificá-lo. Por isso, *tema* é o nome do *assunto* que vamos tratar ou a *síntese do conjunto deles*, enquanto que o *assunto* (corpo do sermão

propriamente dito), vai ser a argumentação (ou conteúdo do tema).

Em razão do tema gravitar bem perto do título, alguns mestres da oratória chegaram até sugerir que o tema devia vir *antes do título*, e não depois. É verdade que em algumas passagens ou assuntos da Bíblia, isso parece lógico; mas em outras não. Portanto, o tema deve vir depois do título e não antes.

Quando o tema é geral, pode servir de título. Em alguns casos, isso é natural. Exemplo: numa dissertação sobre a morte de Cristo, o tema geral seria *A morte de Cristo*, enquanto que, nesse caso, o título viria depois com a seguinte frase: *Os sofrimentos de Cristo*. Com efeito, portanto, o tema viria primeiro e o título depois, sem que alterasse as regras do procedimento. Mas, no contexto prático, o título deve vir mesmo, em primeiro lugar.

D. O TEXTO

1. Definição do texto

O texto, ou a porção, refere-se à passagem bíblica em síntese ou no seu todo, usado pelo pregador para fundamentação do sermão.

O vocábulo deriva-se do latim *texere*, que significa tecer e, figuradamente, quer dizer reunir, construir, compor, expressar o pensamento em contínuo discurso ou escrita. O substantivo *textus*, então, indica o produto do tecer, o tecido, a trama e, assim, no uso literário, a trama do pensamento de alguém, uma composição contínua (leia mais sobre *texto*, quando abordarmos uma importante definição sobre texto, contexto, subtexto, etc., no capítulo quatro).

2. Dependendo da natureza do sermão

Dependendo da natureza do sermão, o texto pode sofrer alterações no uso da pronúncia.

- a) *Sermão textual* (o texto)
- b) *Sermão expositivo* (a porção)
- c) *Sermão temático* (a passagem)
- d) *Sermão ilativo* (uma inferência)

e) *Sermão extemporâneo* (uma palavra)

f) *Sermão para ocasiões especiais* (uma frase)

Num sermão temático, muitas vezes o texto é substituído pelo tema central. Entretanto, ele deve ter o nome de *a passagem*, para melhor compreensão do significado do pensamento.

- *Na literatura*

Na literatura, texto é tudo o que está escrito.

- *Na homilética*

Na homilética, texto é o nome da porção curta da Bíblia que se toma como base para um sermão. Neste sentido, o texto pode ser apenas uma palavra, uma frase ou um período curto. Já a porção extensa, usada num sermão expositivo, pode incluir vários versículos ou até um capítulo todo.

E. A INTRODUÇÃO

1. O exórdio

A introdução é a parte inicial do corpo do sermão. É o vestíbulo, ou a plataforma de acesso ao ponto central da argumentação. O propósito da introdução é despertar a atenção do povo e desadiar-lhe o pensamento de tal modo que se interesse ativamente pelo assunto. Alguém até comparou-a a fortes *garras de ferro* que prendem imediatamente a mente dos seus ouvintes. Podemos comparar a missão da introdução como uma comissão de recepção de um grande evento. Quando esta funciona mal, todo o curso fica prejudicado. No sermão, acontece também a mesma coisa; quando a introdução é mal feita, a tese se desenvolve defeituosa.

2. Deve visar diretamente o assunto

A introdução deve visar diretamente o assunto principal. Para tanto, as afirmativas nela contidas devem consistir em idéias progressivas que culminem no objetivo principal do sermão. Toda citação, explicação, exemplo ou incidente devem ser apresentados com este propósito em mente. Os oradores antigos dividiam a introdução em duas espécies: a formal e a não-formal.

- *A formal*

A introdução formal consistia numa ligeira palavra distinta do verdadeiro assunto (início) do sermão.

- *A não-formal*

A introdução não-formal consistia na forma atual do início do discurso. A primeira era para levar à *invocação*; a segunda para *preparar* a divisão. Os oradores mais exigentes dividiam a introdução em três partes, a saber:

- O exórdio (prelúdio)

- A introdução central (plataforma)

- O intróito (entrada). Com efeito, a parte final da introdução deve ser chamada de *intróito*, visto ser ela a que dá entrada no corpo do sermão propriamente dito.

F. O CORPO DO SERMÃO

1. Definição

O *corpo do sermão*, conforme soa melhor em termos prático, entre os pregadores cristãos, é o conjunto de fatos, de idéias, de provas ou de argumentos arrolados pelo pregador.

Esta argumentação deve ser bem apresentada e ao mesmo tempo mesclada com o sabor da graça de Deus (Mc 9.50; Cl 4.6). Somente assim, o pregador pode se enquadrar no exemplo típico do divino Mestre. Dele se diz: "...todos...se maravilhavam das palavras de graça que saíam da sua boca..." (Lc 4.22) e "...nunca homem algum falou assim como este homem" (Jo 7.46b).

Dependendo da cultura geral ou ambiental, esta parte do sermão (ou *este conjunto de idéias, fatos, provas e argumentação*) pode ser chamada de:

- A descrição

- A narração

- A dissertação

- A exposição

- A discussão

- A oração

- A explanação

- A argumentação

- A tese
- A proposição
- A prédica
- O assunto
- O corpo do sermão
- O conteúdo da mensagem
- O calor da eloquência
- O centro da pregação
- O âmago da oratória
- O corpo do discurso
- O desenvolvimento
- O tratado

Algumas dessas expressões, são apenas termos designativos para classificar métodos gerais de exposição. Por exemplo:

- **A descrição**

A descrição é a *exposição analítica*, detalhada, particular e minuciosa de um objeto (coisa ou pessoa). A descrição é a forma de se dizer como uma coisa é, em detalhes.

- **A narração**

A narração é a *exposição de fatos*, do modo como eles aconteceram. O narrador se limita a dizer as coisas como elas se deram. É o método típico do cronista, do repórter, do historiador, da testemunha fiel a si mesma e aos outros.

- **A dissertação**

A dissertação é a *exposição discursiva* onde os fatos são analisados, interpretados, as idéias elaboradas e os conceitos estabelecidos, segundo a visualização e a opinião do autor (pregador). No conceito geral, entretanto, todos esses termos apontam de uma maneira ou de outra para o corpo do sermão.

2. O objetivo do sermão

Em linhas gerais, o sermão tem dois objetivos: *persuadir* e *dissuadir*. O alvo do pregador, ou mesmo da mais humilde testemunha de Cristo, é salvar e edificar seus ouvintes.

Tratando-se de pecadores, a missão daquele que ministra a Palavra de Deus é dissuadi-los do pecado e persuadi-los a crer em Jesus como Salvador (Lc 24.47,48; At 8.4,5; 14.15).

No tocante aos salvos, segue-se a mesma sentença, isto é, dissuadi-los daquelas coisas que são contrárias à vontade divina e persuadi-los a "...permanecerem no Senhor com propósito do coração" (At 11.23).

Para persuadir os ouvintes e levá-los à salvação ou edificação espiritual, todas as formas de sermão podem ser usadas.

3. As divisões do sermão

As divisões do sermão variam em número, dependendo do conteúdo e da capacidade do pregador. Aconselha-se a limitação de pontos a um máximo de cinco numa série. A memória tende a falhar, quando há mais de cinco pontos num sermão. Testes psicológicos no campo da educação revelaram que, quando há mais de cinco pontos dentre os quais escolher, o discernimento fica mais ou menos nebuloso e, por conseguinte, as escolhas são menos confiáveis.

Sugere-se, portanto, para melhor compreensão do significado do pensamento, nos sermões temáticos e textuais, três divisões, e cinco para um sermão expositivo. Também as divisões não devem ser páreas e, sim, ímpares. É muito fácil para os ouvintes acompanhar uma mensagem falada, quando as idéias principais estão organizadas corretamente e proferidas com clareza, do que quando elas não têm organização ou não se relacionam. À medida que o pregador anuncia as divisões e passa de um ponto principal a outro, os ouvintes conseguem identificar as divisões das partes entre si e discernir a progressão da mensagem.

a) As divisões

No esquema apresentado, o leitor deve observar que algumas divisões principais são tão condensadas que não precisam sofrer subdivisões.

Outras, porém, pelo contrário, são amplas e heterogêneas e, por isso, precisam. Outrossim, algumas divisões, por causa do seu conteúdo, podem exigir mais atenção, enquanto que outras não terão tanta importância em relação ao objetivo ou propósito da

pregação. Em casos específicos, material que não foi necessário se aplicar numa divisão, podemos aplicar na outra, pois com a mesma ferramenta podemos usar vários tipos de atividade.

b) *As subdivisões*

As subdivisões de cada divisão principal devem derivar do tema da divisão e desenvolver-se dentro do assunto e argumento principal.

c) *As transições*

A função primordial das transições durante o sermão é fazer a ligação (ou junção) da passagem de um assunto para o outro. Na linguagem jornalística, chama-se de *gancho* e na linguagem homilista, de *transições*. Seja a transição mediata ou imediata, sempre é desejável empregar alguma forma de expressão que, juntamente com uma natural mudança de tom e de maneira, leve o ouvinte a observar que aí estamos passando para *outra* linha de pensamento. As *transições* usadas durante um sermão devem ser caracterizadas com *palavras-chaves* e nunca com palavras adversas. Observando bem, as transições funcionam entre uma divisão e outra, como uma espécie de minúsculas introduções.

Nos sermões pregados por Jesus, encontramos estas transições em estilo natural, ligando um assunto ao outro. Tomemos como base:

O Sermão do Monte

No Sermão do Monte, pregado por nosso Senhor, "bem-aventurança" é a primeira palavra do assunto que irá ser desenvolvido. Nesse caso, não se trata de *transição* ainda e, sim, da *introdução* discurso. As transições começam na "bem-aventurança" seguinte:

1ª *Divisão* - Mateus 5

- As transições:
- "Vós sois..." - v. 13 "
- Vós sois..." - vv. 14-16
- "Não cuideis..." - vv. 17-20
- "Ouvistes..." - vv. 21-26
- "Ouvistes..." - vv. 27-30
- "Também..." - vv. 31,32
- "Outrossim..." - vv. 33-37

"Ouvistes..." - vv. 38-42

"Ouvistes..." - vv. 43-48.

2ª Divisão - Mateus 6

- As transições:

"Guardai-vos..." - vv. 1-4

"E, quando..." - vv. 5-15

"E, quando..." - vv. 16-18

"Não..." -19-34.

3ª Divisão - Mateus 7

- As transições:

"Não..." - vv. 1-5

"Não..." - v. 6

"Pedi..." - vv. 7-12

"Entraí..." - vv. 13,14

"Acautelai-vos..." - vv. 15-23

"Todo..." - vv. 24-27.

O leitor deve observar que cada sentença dessa, curta ou longa, liga o ponto anterior ao ponto seguinte, dando cores e tonalidades ao assunto seguinte.

As transições, portanto, como parte auxiliatória do sermão, estão presentes em todos os discursos registrados na Bíblia.

G. A APLICAÇÃO DO SERMÃO

1. Convite ou apelo

A aplicação do sermão é um dos elementos mais importantes do nosso discurso. Mediante esse processo, obtemos o resultado negativo ou positivo daquilo que pregamos ou ensinamos. A aplicação do sermão deve ser de acordo com o tipo de mensagem que pregamos. Definimos a aplicação como sendo o apelo ou melhor posição correta, o convite oferecido aos ouvintes. Esta parte é a penúltima peça do sermão. Antecedendo assim a conclusão do discurso.

2. O objetivo da aplicação

O objetivo da aplicação no sermão visa o resultado positivo daquilo que ministramos. Por exemplo: quando pregamos a

palavra da salvação aos pecadores, a aplicação deve ser o convite (o apelo).

Se ministrarmos a palavra de Deus num auditório, mostrando a necessidade do crente ser batizado com o Espírito Santo, a aplicação, nesse caso, deve ser um convite para uma oração de poder, a fim de que nosso Salvador batize com o Espírito Santo; em outras palavras, conforme nosso dia-a-dia, convidamos para "vira frente".

Quando o sermão se baseia na cura divina, a aplicação deve ser um apelo às pessoas doentes a participarem de uma oração, geralmente intitulada *a oração da fé*, a fim de que recebam saúde. Vamos observar estes exemplos na Bíblia, onde os sermões tiveram aplicação imediata:

a) *No cárcere de Filipos*

- *O sermão*: "Não te faças nenhum mal, que todos aqui estamos".

- *A aplicação*: "Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo, tu e a tua casa" (At 16.28,31).

b) *Em Efeso*

- *O sermão*: "Recebestes vós já o Espírito Santo quando crestes?...em que sois batizados então?... certamente João batizou com o batismo do arrependimento, dizendo ao povo que cresse no que após ele havia de vir, isto é, em Jesus Cristo".

- *A aplicação*: "E, impondo-lhes Paulo as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo; e falavam línguas e profetizavam" (At 19.1-6).

c) *Em Jerusalém, na porta formosa*

- *O sermão*: "Olha para nós". Não tenho prata nem ouro, mas o que tenho isso te dou".

- *A aplicação*: "Em nome de Jesus, o Nazareno, levanta-te e anda" (At 3.4,6). São inúmeras as passagens e os episódios na Bíblia, onde o sermão foi seqüenciado pela aplicação. Portanto, numa linguagem clara e acessível, a aplicação do sermão é o convite (apelo) baseado naquilo que pregamos.

H. A CONCLUSÃO DO SERMÃO

I. Definição

A conclusão, como o próprio termo sugere, no sentido técnico, é a última parte do sermão; no sentido homiliasta, é uma síntese de todas as verdades que foram ditas no sermão. A conclusão torna-se a parte mais gratificante do sermão para o pregador, pois, segundo se diz, é o momento quando o pregador se obriga a fazer uma síntese de tudo o que disse, não só para destacar e fazer lembrar as verdades principais, mas para ajudar os ouvintes a se beneficiarem da mensagem. Por essa razão, ela deve ser breve. Lamentavelmente, alguns pregadores, porém, se esquecem da importância da conclusão, e, como resultado, seus sermões, embora cuidadosamente preparados nas outras partes, fracassam no ponto crucial. Portanto, aconselha-se, por outro lado, uma boa conclusão; ela pode, às vezes, suprir as deficiências de outras partes do sermão, ou servir para aumentar o seu impacto.

2. A conclusão deve ser conclusiva

O objetivo da conclusão é suprir algumas falhas do sermão e concluí-lo no sentido restrito da palavra.

Dependendo das circunstâncias (se o sermão for pregado pelo pastor ou dirigente local), a conclusão pode ser, salvo as exceções, o cântico de um hino, um corinho, uma oração, à bênção apostólica, ou mesmo o amém final.

Capítulo Quatro

A. OS ELEMENTOS TÉCNICOS DA DISSERTAÇÃO

1. Os elementos funcionais

Os elementos técnicos (ou funcionais) que são usados pelo pregador durante o tempo da dissertação, referem-se aos elementos bíblicos e a outras formas de expressão.

São eles:

A Bíblia no seu
todo O texto O
contexto O
subtexto Os
paralelos
- Os de palavras
- Os de idéias
- Os de ensinios gerais

A referência

A inferência

As variantes

As evidências

A dedução

As ilustrações, etc.

Analisemos os elementos bíblicos e depois os gramaticais.

a) *A Bíblia*

O primeiro elemento (ou fonte) primordial do pregador é a Bíblia. Ela é, portanto (e deve ser), o primeiro recurso a ser usado na apresentação do discurso. Pregador que não coloca a

Bíblia em primeiro lugar (sentido espiritual e físico), seu sermão torna-se medíocre e arqueológico.

b) *O texto*

No sentido universal, o texto passou a significar todo o passo ou trecho lido pelo pregador, que pode ir de uma linha até um livro inteiro (ver notas sobre isso em o capítulo dois - definição do texto).

No sentido local (restrito), entretanto, o texto significa uma porção bíblica que, junto ao contexto, auxiliará na interpretação e amarração do sermão.

O Dr. Henry Sloane apresenta três vantagens de se ter um texto:

- Conserva o pregador na linha do passado espiritual histórico a que ele está procurando dar sequência.
- Resume em forma notável e memorável o ponto capital de sua mensagem.
- Quase que invariavelmente o texto enriquece o sermão com essa preciosa vida em contato com Deus na Bíblia, sugerindo ao pregador coisas que dantes não estavam em sua mente. Outros mestres apresentam outras vantagens, mas estas do Dr. Henry Sloane absolvem o pensamento delas todas.

Na interpretação geral da Bíblia, tanto é valioso o texto como o contexto e, para consolidação do assunto, o subtexto é indispensável

O texto sem o contexto se torna num aperto, e sem a confirmação do subtexto, num pretexto!

c) *O contexto*

O contexto é uma porção bíblica que se torna num encadeamento de idéias de tudo aquilo que está escrito *antes* ou *depois* do texto, mas que tem como ponto pacífico a composição do texto.

O contexto pode ser antecedente ou conseqüente, próximo ou remoto, prospectivo (apontando para frente) ou retrospectivo (apontando para trás). Entretanto, o contexto sempre aponta em direção ao texto e nele se consolida. Ele ajuda na interpretação do texto.

d) *O subtexto*

O subtexto é uma porção bíblica que se encontra entre o texto e o contexto. O texto, por exemplo, é interpretado à luz do contexto contexto, a idéia particular, e o subtexto, a idéia universal. Assim, em outras palavras, as duas primeiras composições (texto e contexto), que compõem coletivamente o antecedente, se chamam *premissas*, e a terceira (o subtexto), *conclusão*.

2. Outras formas de expressão

As outras formas de expressão, que são utilizadas pelo pregador durante a apresentação da mensagem, são os paralelos, a referência, a inferência, a citação, as variantes, as evidências, a dedução, etc. Existem também as ilustrações e as figuras de retórica, mas estas estudaremos em seções e capítulo à parte. Os paralelos são porções ou expressões bíblicas que marcham na mesma proporção. Os paralelos usados para esta regra são três: **os de palavras, os de idéias e os de ensinoss gerais**.

a) *Os paralelos de palavras*

Os paralelos de palavras surgem quando o conjunto da frase ou o contexto não bastam para explicar uma palavra duvidosa. Procura-se, às vezes, adquirir seu verdadeiro significado, consultando outros textos em que ela ocorre; e, outras vezes, tratando-se de nomes próprios, apela-se para o mesmo procedimento, a fim de fazer ressaltar fatos e verdades que de outro modo perderiam sua importância e significado.

b) *Os paralelos de idéias*

Os paralelos de idéias são invocados para se conseguir idéias completas e exatas do que ensinam as Escrituras neste ou naquele texto determinado, talvez obscuro ou discutível; consultam-se não só as palavras paralelas, mas os ensinoss, as narrativas e fatos contidos em textos ou passagens aclaratórias que se relacionem com o dito texto obscuro ou discutível.

c) *Os paralelos de ensinoss gerais*

Seguindo o exemplo dos paralelos precedentes, os paralelos de ensinoss gerais ocorrem na interpretação de determinadas passagens em que os paralelos de palavras e de idéias não são suficientes para interpretação geral do texto ou da porção bíblica.

Nesse caso, é preciso se recorrer ao *Teor Geral*, ou seja, aos ensinamentos gerais das Escrituras.

d) *A referência* .

a referência é usada como fonte indicativa no confronto de fatos e palavras iguais ou paralelas registradas na Bíblia. A referência, neste sentido, torna-se uma espécie de contexto ilustrativo.

e) *A inferência*

Podemos distinguir dois tipos de inferência:

- A inferência indutiva
- E a inferência técnica.

• A inferência indutiva é uma espécie de análise em que, através de dados singulares suficientes, se infere uma verdade universal. Por exemplo: A Bíblia não contém a Palavra de Deus; ela é a Palavra de Deus! "A graça de Deus se há manifestado, trazendo salvação a *todos os homens*".

• A inferência técnica, entretanto, pode ser inferida como uma investigação nos fatos e nas passagens envolvidos *antes* e *depois* de ensinamentos e acontecimentos. A inferência, assim definida, transforma os fatos em evidências e busca o sentido natural da passagem bíblica e situa a mensagem no tempo e no espaço.

f) *A citação*

A citação infere também dois sentidos: o forense e o retórico.

Com efeito, porém, nos referimos aqui ao sentido retórico. A citação invocada como regra técnica, define-se como aquela parte que o pregador (ou estudioso da Bíblia) usa para se apoiar. ao descrever um texto em afirmação daquilo de que afirma. E a referência direta que se faz com autoridade e exemplo.

g) *As variantes*

As variantes bíblicas são usadas no auxílio de palavras e expressões com sentido obscuro. Às vezes, as variantes traduzem o sentido destas palavras, através de sinônimos regionais e contemporâneos...

Em algumas Bíblias, as variantes são encontradas no rodapé; em outras no meio da página; outras, no final do capítulo e ainda outras no final do livro. Tomando-se como exemplo a

Bíblia Edição Revista e Corrigida, editada em português pela Editora Vida (outras publicadas anteriormente trazem também a mesma fórmula), 1981, as variantes iniciam assim: "**...tempos determinados**" (Gn 1.14), no rodapé lemos: **ou, estações**", e daí por diante.

Na apresentação do sermão, se o pregador tem pelo menos noção das línguas originais em que a Bíblia foi escrita, este material pode lhe servir como variantes para esclarecer as partes obscuras do texto ou da passagem que está em foco.

h) As evidências

As evidências consubstanciam os fatos e os fatos consubstanciam as provas. As evidências bíblicas consubstanciam os elementos inerentes da certeza. A evidência é o que fundamenta a certeza. Definimo-la como a clareza plena pela qual o verdadeiro não deve ser rogado à adesão e sim imposto.

A certeza é o estado do espírito que consiste na adesão firme à verdade conhecida, sem temor do engano. O pregador não pode ter dúvidas quanto a Deus e a sua Palavra, pois as evidências bíblicas e outras fontes consubstanciam que ambos são verdadeiros.

i) A dedução

O raciocínio dedutivo é o inverso do raciocínio indutivo. O raciocínio indutivo faz numa espécie de análise através de dados singulares suficientes, e infere uma verdade ou um princípio universal. O raciocínio dedutivo, pelo contrário. Ele parte de um movimento de pensamentos que vai de uma verdade universal a uma outra verdade menos universal (ou singular). A dedução assim definida, torna-se uma *espécie de síntese*, uma vez que consiste em ir dos princípios às conseqüências ou, em outras palavras, do geral para os detalhes.

Este método é muito importante para o pregador, especialmente na dissertação do sermão expositivo, se a porção bíblica textual tratar de uma parábola. Esta necessidade existe, não por causa de uma parábola isolada e, sim, pelo conjunto geral das parábolas - especialmente quando se trata de parábolas narradas nos evangelhos sinóticos. Em algumas parábolas há

acréscimo de detalhes e em outras há omissões na descrição. Tanto os *acréscimos* como as *omissões* são significativos na interpretação geral. Através do raciocínio dedutivo, o pregador descobre algumas verdades singulares que enriquecerão ao sermão. Outrossim, o raciocínio dedutivo traz também coragem para o pregador, especialmente na interpretação. Podemos tirar algumas conclusões deste raciocínio em alguns episódios das Escrituras.

- Em meio a tempestade no mar da Galiléia, Pedro e seus companheiros ouviram uma voz que bradou: “Tende bom ânimo, sou eu, não temais” (Mt 14. 27). Então Pedro respondeu, disse: Senhor, **se és tu**, manda-me ir ter contigo por cima das águas”. Em resposta à solicitação do apóstolo, a voz do personagem bradou: "VEM!". Observe que a voz não se identificou, mas apenas disse: "VEM!" (Mt 14.29). Baseado nas duas expressões, Pedro fez uma *síntese* e deduziu: "...é o Senhor". E de fato era mesmo.

- O apóstolo Paulo exemplifica também este tipo de raciocínio dedutivo, quando dá seu parecer sobre o casamento na igreja de Corinto. O apóstolo não tinha, como ele mesmo declara, "nenhum mandamento do Senhor" para disciplinar tal assunto. Mas dedutivamente se aventurou a dar seu parecer. E conclui dizendo: "...cuido que tenho o Espírito de Deus" (1 Co 7.40). Com efeito, a dedução leva o pregador, mediante uma síntese dos detalhes, a uma conclusão aprimorada.

B. AS ILUSTRAÇÕES

1. O valor da ilustração

Ilustrar, conforme nos dá a entender o étimo do vocábulo, é lançar luz (ou como infere o sentido latino, *ilustrare*) sobre o assunto. A ilustração, portanto, serve para iluminar, esclarecer, tornar evidente.

Ela é, com efeito, a substância que lustra, ou dá brilho ao sermão. E verdade que no sentido lato quem torna a mensagem

bem interessante é o Espírito Santo. Entretanto, a linguagem ilustrativa pode e deve ter sua participação na dissertação da mensagem, tornando transparente e atraente cada parte do sermão. A ilustração pode tomar várias formas como:

- Uma parábola
- Uma analogia
- Uma história
- Um relato de uma experiência pessoal
- Um acontecimento notável
- Um incidente, cujo teor traduza para os circunstantes uma admiração incomensurável.

2. A capacidade de ilustrar

Quem deseja ilustrar, bem precisa aprender métodos, práticas e colocações que demonstrem o equilíbrio e o conhecimento para transmitir as suas idéias, usando forma e estilo que traduzam capacidade e domínio da parte do ilustrador na hora da comunicação.

A base principal de um bom pregador, que deseja enriquecer seu sermão com ilustrações cabíveis a sua doutrina e ao comportamento geral da Igreja, é firmada numa série de elementos; dentre eles, estes são os mais essenciais:

- Domínio pessoal, otimismo, educação da voz, gesticulação, saber olhar, saber sorrir, ter ecletismo cultural (cultura aqui não se refere à intelectualidade), ter excelente memória, saber colocar a voz quanto à altura, ao timbre, e ao ritmo, e também vontade de falar ao auditório.

• É evidente, porém, que quando o Espírito Santo nos ilumina numa ilustração, pintamos o quadro com maior lucidez e perfeição.

Capítulo Cinco

A. EXERCÍCIOS PARA EDUCAÇÃO E USO CORRETO DA VOZ

1. As técnicas da comunicação

Os gregos e depois os romanos já diziam: "O pregador (orador) precisa saber usar o corpo e a voz".

O exercício corporal, quando visto do lado divino da observação, diz Paulo "...para pouco aproveita" (1 Tm 4.8), mas quando analisado do ponto de vista profissional, não deixa de ser importante. Nossos corpos, estilos e vozes, mesmo que não sejam de todo *aperfeiçoados*, pelo menos, devem melhorar. Há, portanto, necessidade de fazermos alguma coisa em favor de nós mesmos em direção aquilo que é decente e proveitoso. Exemplo: um dos maiores obstáculos para o pregador ou orador, é sem dúvida seu *timbre de voz*. Alguns têm o timbre da voz grave, médio, agudo, nasal, rouco, etc. A qualidade da voz de uma pessoa é tão marcante que determina o seu estilo sonoro.

Para alcançarmos o alvo desejado neste campo, é necessário empregar muita força de vontade e determinação. Dizem os especialistas em seleção de vozes que apenas *1 em 1000* pessoas nascem com boa voz em som, estilo e apresentação. Mas, de forma alguma, aqueles que não pertencem a esta classe privilegiada, devem ficar desanimados ou desencorajados, pois da mesma forma que não é necessário *nascer músico* para aprender a tocar um instrumento, também não é necessário *nascer pregador*.

a) Treinamentos adequados

Existem tantos treinos que abrem boas perspectivas para todos aqueles que querem melhorar a arte de pregar, usando corretamente sua voz, método, talento, etc., que não se faz

necessário alguém pensar definitivamente que não seja capaz para tal aperfeiçoamento. No meio secular, há grande conscientização para a importância da voz. Usar a voz corretamente é, no dizer de alguém, "a forma mais adequada para se atrair os ouvintes". Usá-la inadequadamente, afirma-se: "os ouvintes desaparecerão imediatamente". Nos filmes, nos teatros, na televisão e no rádio, gastam-se enormes somas de dinheiro e tempo com a arte de falar até chegar a resultados brilhantes. No meio cristão, entretanto, isso é um tanto negligenciado. É surpreendente como certas pessoas gastam (do lado positivo aproveitam) tantos anos da sua vida em estudos teológicos e muitas horas a escrever, sem pensarem como devem usar os seus poderes vocais. Parece que o apóstolo Paulo tinha bastante cuidado com sua locução. Então ele diz: "Todavia eu antes quero falar na igreja (auditório) cinco palavras na minha própria inteligência, para que possa também instruir os outros, do que dez mil palavras em língua desconhecida" (1 Co 14.19).

c) *Falar com sentimento e inspiração*

Falar com sentimento e inspiração, ajuda bastante no uso adequado dos órgãos de comunicação verbal. Qualquer auditório sempre deseja e gosta de ouvir alguém que fale com sentimento da alma e com inspiração divina. Todos os pregadores devem estar cômicos de que o microfone não transmite as expressões visuais, mas que, apesar disto, não devem evitar o sorrir e o estar animados quando estão em frente do mesmo.

Um lindo sorriso nos lábios é transmitir otimismo no discurso, ao mesmo tempo, pode abrir um campo magnético onde todos entram sem resistências, dobrando-se à vontade de quem fala. "...A doçura dos lábios aumentará o ensino" (Pv 16.21b), disse um mestre de oratória (Ec 1.1,2,12). É também muito importante usar gesticulações naturais e expressões faciais, pois elas afetam o ritmo das palavras e dão ao discurso um sabor natural e agradável.

d) *Não falar demasiadamente rápido*

Muitas vezes a razão pela qual os novos pregadores falam demasiadamente rápido, é devido a um certo grau de nervosismo. Isto torna-se muito cansativo para os ouvintes, pois estes têm de

esforçar-se bastante para apanhar todo o conteúdo do discurso. Isto faz que os ouvintes sintam dor de cabeça, irritação, vertigem e até desmaio.

b) *Usar curtas frases*

O pregador deve usar curtas frases de palavras e breves passagens de pensamento, especialmente quando se está pregando ao *Ar Livre*. Longos parágrafos e grandes argumentos é melhor reservar para outras ocasiões. Nas grandes reuniões feitas no sossego... há muito poder no silêncio eloquente introduzido de vez em quando. Dá ao povo tempo para tomar fôlego, e também para refletir, é bastante gratificante. As pausas são muito eficientes, e úteis de várias maneiras, tanto para o orador como para os ouvintes. Mas há um grupo de pessoas que passam, e que não estão inclinadas a nada que se pareça a um culto, é mais adequado um discurso rápido, curto e inciso.

c) *As qualificativas para o "Ar Livre"*

Além de outras qualidades que a própria natureza do ser se encarrega de codificá-las, estas são indispensáveis ao pregador quando se encontra pregando ao *Ar Livre*:

- Boa voz
- Naturalidade nos modos
- Domínio próprio
- Bom conhecimento das Escrituras e das coisas comuns
- Capacidade de adaptar-se a qualquer grupo de ouvintes
- Boa capacidade para ilustrar
- Zelo, prudência e bom humor
- Coração grande e amoroso
- Crença sincera em tudo que diz
- Inteira dependência do Espírito Santo
- Andar em íntima comunhão com Deus pela oração por causa dos demônios
- Comportamento coerente diante dos homens, por santo viver

- Manter-se animado, empregar muitas ilustrações e casos, e respingar uma observação curiosa aqui e ali a exemplo de Moisés: "Goteje a minha doutrina como a chuva, destile o meu dito como o orvalho, como chuveiro sobre a relva" (Dt 32.2).

B. A VOZ E SEU USO CORRETO

1. Pode ser fraca e pode ser poderosa

O homem dotado de voz excelente mas destituído de cabeça bem informada e de coração fervoroso, é apenas "uma voz que clama no deserto", ou, para usar a expressão de Plutarco, "Vox et praeterea nihil" (Voz, e nada mais). Tal homem (argumentava Spurgeon) pode brilhar no coro, mas é inútil no púlpito. A voz de Whitefield, sem o poder do coração, não teria deixado sobre os seus ouvintes efeitos mais duradouros do que os do violino de Paganini. Irmãos, vocês não são cantores, mas pregadores; sua voz é de secundária importância; não se envaieçam com ela, nem se lamentem como se fossem inválidos por causa dela, como tantos o fazem. Uma trombeta não precisa ser feita de prata; um chifre de carneiro basta. É preciso, porém, que agüente rude uso, pois as trombetas são para os conflitos bélicos, não para os salões de recepção da moda.

"Porque (diz Paulo), se a trombeta der sonido incerto, quem se preparará para a batalha? assim também vós, se com a língua não pronunciardes palavras bem inteligíveis, como se entenderá o que se diz? porque estareis como que falando ao ar" (1 Co 14.8,9). Torna-se necessário, portanto, que a voz do pregador seja mesclada com a graça divina. Somente assim - ela seja forte ou seja fraca, contudo, à semelhança de uma velha trombeta, dará sonido certo para aqueles que nos ouvem.

Outro fator bastante negativo, tanto para o pregador como para seus ouvintes, é falar devagar ou paulatinamente. Falar muito devagar é serviço bastante desagradável. É impossível ouvir um homem que rasteja a um quilômetro por hora. Uma palavra hoje, outra amanhã: é uma espécie de fogo lento de que somente os mártires poderiam gostar. Há um outro perigo: falar depressa demais, com violência e furor que resultam numa

linguagem bombástica. As ondas de ar podem chocar-se com os ouvidos em tão rápida sucessão que nenhuma impressão compreensível causam ao nervo auditivo. A tinta é necessária para a escrita, mas se você derramar o tinteiro numa folha de papel, não transmitirá com isso nada que tenha algum significado. Assim é com o som. O som é a tinta, mas, requer-se manejo (não quantidade), para produzir uma escrita inteligível para o ouvido, afirmam os grandes mestres de oratória.

2. A intensidade da voz

Uma das coisas mais palpitantes para um pregador é a intensidade da voz. O pregador precisa saber que a intensidade ou volume de sua voz deve ser proporcional à distância que ele se posiciona ou se encontra diante de seus assistentes. A sua voz deve chegar em sons perfeitos ao seu mais distante ouvinte. Metodicamente falando, isso pode ser também sistematizado de acordo com o auditório em que se encontra o pregador.

Não somente o auditório, mas também as circunstâncias ocasionais, locais, regionais e situações momentâneas, que vão desde, o auditório físico ao comportamento humano.

No auditório físico, as circunstâncias que muitas vezes podem prejudicar o uso correto da voz do pregador, é que a maioria de nossos templos, estádios, ginásios, salões etc., é construída sem a mínima consideração acústica. Então, é aí que o pregador deve ter a sensibilidade para perceber quando deve *eleva ou baixar* o volume de sua voz. Fica bastante deselegante para o orador falar baixo a ponto de seus ouvintes distantes não o ouvirem, como falar tão alto, num auditório pequeno ou de acústica sensível.

Diante de tal situação, aquele que ministra a Palavra de Deus deve usar suas habilidades naturais e culturais para debelar tais revezes contrários à perfeição da voz e da mensagem.

a) O uso da voz na introdução

Cícero, o grande orador romano, recomendava que a introdução seja pronunciada com voz bem pausada e baixa, porque se lesam as artérias, se forem dilatadas por clamor violento antes de serem primeiro afagadas por uma voz branda. Então ele recomendava:

- O tom de conversação (para ser usado quando se narra ou demonstra).
- O tom de discussão (quando se disserta).
- E o tom de amplificação (quando há exortação, ou lamento). Com efeito, porém, argumentava Cícero que, no calor da eloquência, deve usar-se a voz em toda sua extensão (ostentação).

Alguns oradores, dado ao estado emocional antes do discurso, tendem a ficar com a garganta seca. Mestres em técnicas da oratória aconselham, nesse caso, uma pequena mordida (sem causar ferimento) na ponta da língua. Isso faz que as glândulas salivantes produzam saliva imediatamente para a lubrificação da garganta e lábios.

b) *Falar com ousadia*

Duas coisas de vital importância para o pregador no momento da pregação da mensagem divina: é ser usado e ter ousadia. Quando estas duas virtudes caminham juntas, tanto a voz como os movimentos do pregador são controlados exclusivamente pelo Espírito Santo. No púlpito, ele representa a Trindade divina e a coletividade humana. Embora ele seja o agente humano da mensagem, ao entregá-la, ele é um veículo da graça de Deus e do amor da Igreja. Ele tem que falar em nome de Deus e da Igreja.

c) *O cuidado pela voz*

A voz humana abarca uma larga área de sons e, por isso, devemos fazer uso dela todos os dias quando falamos. Cada pessoa deve esforçar-se por uma voz melodiosa e agradável. Tendo em mente a grande importância da voz na pregação, todos os pregadores devem aprender a treinar a sua voz para melhor apresentarem seu discurso e isso pode e deve ser feito através de uma terapia vocal. Sabemos que nem todos os pregadores têm possibilidades de obter cursos sobre discurso ou terapia da voz; entretanto, isso poderá ser feito mesmo em casa ou numa escola teológica.

3. A forma correta

Para que bem falemos, três coisas são necessárias para este momento:

a) *Abrir bem a boca*

Este conceito é tanto homiliasta como divino. "...Abre bem a tua boca..." (SI 81.10).

b) *Falar com muita força*

Este método segue a mesma sentença do primeiro. Tanto Deus como a técnica ensinam: "...levanta a tua voz fortemente..." (Is 40.9).

c) *Pronunciar claramente as palavras*

Isso significa que cada palavra vai ser colocada no tempo e no espaço. O resultado dessa comunicação correta é a afirmação de Provérbios 25.11, que diz: "Como maçãs de ouro em salvas de prata, assim é a palavra dita a seu tempo".

4. Os lábios tensos

São inúmeras as pessoas que têm dificuldades de se expressar devido terem os dois lábios, um lábio, ou ainda parte de um lábio sob tensão. O desenvolvimento e a flexibilidade dos lábios consiste tão-somente em pronunciar muitas vezes (pela manhã em jejum) a palavra:

"SOPA", estendendo os lábios de maneira exagerada ao dizer:

"SO" e recolhendo-os ao dizer: "PA".

A mandíbula inferior fica tensa, ao pronunciar "so"; e completamente caída, ao dizer "pa".

A corrente do discurso toma a sua forma final na cavidade oral.

Uma pronúncia correta é obtida ajustando os órgãos ativos da fala, palatas, lábios, e língua. Os dois sons então produzidos são as vogais e as consoantes. As vogais são sons que toma a sua tonalidade devido à largura do maxilar e à posição dos lábios e língua. As consoantes, por sua vez, são formadas pela contracção e bloqueio do ar inspirado. Se os lábios estiverem tensos, todo esse processo será prejudicado. Devemos, portanto, esforçar-nos por produzir sons puros e lembrar-nos de que a articulação deve tornar-se a mais harmoniosa possível. Articule, pois, de maneira clara, natural e distinta.

5. Exercícios para desprender a mandíbula

Para que bem falemos em público é necessário abrir suficientemente a boca. E, para se fazer isso, torna-se necessário

relaxar a mandíbula inferior. O Dr. Thomas Hawkins diz: "Não são poucas as pessoas que tem a *mandíbula inferior* sempre tensa". O exercício para acostumar-se a relaxá-la é demasiadamente fácil, mas exige prática, e por bastante tempo. São várias as técnicas e métodos oferecidos neste campo pelos mestres de oratória, porém passaremos a descrever aqui aqueles que são reconhecidos em termos gerais e universais.

a) *Movimentação da mandíbula*

Este exercício consiste simplesmente em inspirar profundamente e, com a garganta relaxada, dizer "A" - "A" - "A" - "A" - "A" - "A" com a mandíbula inferior caída. Este exercício corrige as alterações nítidas que são transmitidas pelo sistema nervoso abalado. Sem essa flexibilidade da mandíbula, pode ocorrer o perigo de se falar tão rapidamente que se emendem as palavras. Outro perigo é o de baixar a voz e, ao mesmo tempo, juntar as palavras no final das frases. Se alguém comete uma dessas falhas, facilmente pode ser corrigida com um pouco de esforço e alguma

b) *Exercícios progressivos*

Estes consistem nas técnicas de articular, pronunciar e diccionar: ESQUEMA, MÉTODO E DISSERTAÇÃO NO GRÁFICO DEMONSTRATIVO:

-A-1 B-1 E-1 A-1 B-1 P-1 E-1 A-1 B-1 M-1 P-1 A-1 B-1 T-1

-A-1-0 B-1-0 T-1-0 E-1-0 A-10-1 D-10-1 D-10-1 E-10-1 A-10-1 F-10-1

FRA-1 FRE-1 FRE-O FRE-O FRE-O FRI-O FRI-O FRI-O MA-LO
-FRA-1 FRA-1 FRE-1

PO-LO-LO-LO-PI-PI-PI-PI-LHE-LHI-NHO-1NHO-1 NHO-1
PO NHO-1
-QUA-LHA-PO PRO-LO-PO

Observação

- Boca bem aberta com uma das mãos apertando levemente as narinas; a seguir, manter a boca aberta, solfejar em um só fôlego o grupo *A-1* (metade do fôlego para a LETRA *A* e a outra metade do fôlego para o NÚMERO 1).

- Boca aberta, iniciar o solfejo, dividindo o fôlego em três partes relativamente iguais, sendo a primeira para a LETRA *A*, a segunda para o NÚMERO 1, e a última parte do fôlego para a LETRA *O*.

- Boca aberta, pronunciar *FRA*, usando meio fôlego e a outra metade do mesmo fôlego para o NÚMERO 1. A seguir, solfeje o grupo *FRA-1*. Neste caso, dividir o fôlego em duas partes: primeira, para *FRA*, e a segunda e última parte do fôlego, para o NÚMERO 1. Em seguida, o grupo *FRA-1*, tom mais alto e a segunda metade do fôlego para o NÚMERO 1. A seguir, tom mais baixo, prosseguir no solfejo; quando as LETRAS estiverem mais altas, adotar um tom mais alto.

- Boca aberta e, levemente, começar a solfejar os grupos de LETRAS e deixar que o fôlego esgote-se naturalmente, sem forçar, para alongar o fôlego e, na parte dos grupos de LETRAS mais altas, elevar o som e tentar musicá-lo como se estivesse solfeando, O.....A.....E.....

c) *A dicção*

O Dr. Polito (professor de *Expressão Verbal*) diz, quanto à dicção, que é a pronúncia dos sons das palavras; que a sua deficiência é quase sempre provocada por problemas de negligência. E costume quase generalizado omitir os *r* e os *s* finais.

Por exemplo: *levá*, no lugar de **levar**; *trazê* no lugar de **trazer**; *fizemo*, no lugar de **fizemos**; da mesma forma que se omitem comumente os *is* intermediários: *janero* em lugar de **janeiro**; *tercero* em lugar de **terceiro**, etc.

Outros erros de dicção provocados pela negligência são a troca do *u* pelo *l* e omissões de sílabas: *Brasiu*, no lugar de **Brasil**; *pcisa*, no lugar de **precisa**, etc. Além destes erros, produzidos pela negligência, existem também outros, provocados por alterações fonéticas:

- Hipértese

Consiste na transposição do som de uma sílaba para outra da mesma palavra: **trigue** (tigre), **drento** (dentro), etc.

- Metátese

Consiste na transposição do som dentro de uma mesma sílaba: **troce** (torce), **proquê** (porquê), etc.

- Rotacismo

Consiste na troca do **l** por **r**: **crássico** (clássico), **Cráudio** (Cláudio), **Framengo** (Flamengo), etc.

- Lambdacismo

É a troca do **r** pelo **l**: **talde** (tarde), **folte** (forte), etc. Havendo, entretanto, um pouco de cuidado, podemos dar mais ênfase a sílaba correspondente: sábia, sabia ou sabiá.⁽⁶⁾

6. A ressonância nasal

Este exercício é de suma importância e seu desenvolvimento é necessário para se falar em tom vivo e atraente. São vários os exercícios que vão da técnica à prática.

- O primeiro consiste em repetir palavras, tais como: **cantando, horrendo, trazendo, bando**, graduando o tom do nariz e insistindo no som *nd*. Depois exercitar a pronúncia das letras *m* e *n* *nsanHn*

- O segundo consiste em exercício, enfatizando especialmente o som *ng*, usando palavras como *araponga, pingo, Hong-Kong*, etc.

7. A respiração adequada

Dois pontos importantes devem aqui ser analisados: a *respiração* e a *expiração*.

a) A respiração

A primeira condição a ser observada, se queremos ser capazes de produzir um discurso perfeito e harmonioso, é a de respirarmos apropriadamente. Há diferença entre a respiração do discurso e a respiração inconsciente. A respiração do discurso é dividida entre:

- respiração clavicular

- respiração abdominal
- respiração do diafragma

A respiração mais indicada para falar é aquela que utiliza a inspiração costo-diafragmática e a expiração costo-abdominal, como fazem os bebês, principalmente quando estão dormindo.

Nenhuma destas três partes é absoluta, mas geralmente diz-se que o pregador deve usar a respiração do diafragma ou a abdominal durante o tempo do discurso. As técnicas da respiração são variadas. Entretanto, existem alguns métodos de aceitação universal.

- *Com o corpo relaxado*

Podemos praticar a técnica da respiração se nos deitarmos esticados no chão e, relaxados, expirarmos e inspirarmos calmamente.

Colocando uma mão no estômago, senti-la-emos subir e abaixar com cada inspiração e expiração. Fique em frente de um microfone e pratique o mesmo tipo de respiração. Relaxe e note se as suas costas não sobem e abaixam durante a prática.

- *Posição adequada*

O exercício para o domínio da respiração consiste em colocar-se em boa posição, com o abdome para dentro e o peito para fora (com a barriga encolhida e o peito estufado). Colocar até onde possa, com comodidade, as pontas dos ombros para trás. A boa posição se toma automaticamente. Então, inspira-se profundamente de maneira controlada. Em seguida, começa-se a pronunciar a letra

Praticar este exercício até acostumar-se a reter ar nos pulmões por um tempo cada vez maior.

- b) *A técnica da expiração*

Quanto à expiração (soprando o ar para fora), ela deve ser curta e forte, ao contrário da inspiração que deve ser longa e completa. É importante usarmos o ar da expiração até o fim das palavras que temos para dizer, antes de inspirar a próxima vez. Se respirarmos no meio das frases, isso tornar-se-á cansativo para os ouvintes, porque quando respiramos com a parte superior dos pulmões, os órgãos da fala tornam-se tensos e a expiração difícil de controlar. Pratique a respiração abdominal e tente

controlara saída do ar para que ele chegue até uma parte oportuna do texto onde seja possível expirar outra vez.

Esteja sempre à vontade diante do auditório e em frente do microfone, porque, se ficar nervoso e tenso, a respiração descontrola-se e o discurso é cortado.

C. A LINGUAGEM MATERNA

1. Conhecimento dos ditames da língua

Para ser capaz de falar corretamente, não é somente suficiente controlar a fala e a técnica de respirar, expirar, etc.; temos também de conhecer bem a nossa língua, de modo que possamos construir as frases de maneira correta. Devemos também nos proteger contra os maus hábitos que facilmente se introduzem na linguagem cotidiana falada. Exemplo: muitas vezes temos o hábito de preencher as pausas, intrometendo sons e repetições. Este mau hábito resulta muitas vezes da falta de lembrança. Então, surge a dúvida e, através dela, a incerteza.

a) A dúvida

A dúvida é um estado de equilíbrio entre a afirmação e a negação, resultando daí que os motivos de afirmar contrabalançam os motivos de negar. A dúvida pode ser:

- *Espontânea*, que consiste na abstenção do espírito por falta de exame do "pró" e do "contra";
- *Refletida*, resultante de exames das razões pró e contra;
- *Metódica*, que consiste na suspensão fictícia ou real, mas sempre provisória, do assentamento a uma asserção tida até então
- *Universal*, que consiste em considerar toda asserção como incerteza. É a dúvida dos cépticos.

b) A certeza e a evidência

A certeza é o estado do espírito que consiste na adesão firme a uma verdade conhecida, sem temor do engano. A evidência é o que fundamenta a certeza. Jesus disse aos saduceus: "Errais, não conhecendo..." (Mt 22.29). O pregador, portanto, deve ter certeza daquilo que está falando. Os artistas gastam muito tempo em treinar a dicção dos seus textos. Da mesma forma, nós, que temos uma mensagem tão urgente, como a de

proclamar o Evangelho, não devemos negligenciar o cuidado de persistir em ler e meditar (1 Tm 4.13-15).

c) *Evitar os vícios de linguagem*

O escritor Domingos Cegalla salienta que isso é bastante prejudicial para qualquer orador em sentido geral. Exemplo:

• *Ambigüidade* ou *anfibologia* - defeito da frase que apresenta duplo sentido:

- Convince, enfim, o pai o filho amado;
- Jacinto, vi a Célia passeando com sua irmã.

• *Barbarismo* - uso de uma palavra errada relativamente à pronúncia, forma ou significação:

- Pégada, em vez de pegada;
- Çarramanchão, em vez de caramanchão;
- Ância, em vez de ânsia;
- Cidadões, por cidadãos;
- Proporam, em lugar de propuseram;
- Bizarro no sentido de esquisito.

• *Cacofonia* ou *cacófato* - som desagradável ou palavra de sentido ridículo ou torpe, resultante da seqüência de certos vocábulos na frase:

- Cinco cada um;
- A boca dela;
- Mande-me já isso;
- Vai-a seguindo;
- Por cada mil habitantes.

• *Estrangerismo* - uso de palavras ou construções próprias de línguas estrangeiras:

- Francesismo (do francês);
- Castelhanismo (do espanhol).

• *Colisão* - sucessão desagradável de consonâncias idênticas:

- O rato roeu a roupa;
- O que se sabe sobre o sabre;
- Viaja já.

• *Eco* - é a concorrência de palavras que têm a mesma terminação (rima na prosa): a flor tem odor e frescor.

- *Obscuridade* - sentido obscuro ou duvidoso decorrente do emaranhado da frase, da má colocação das palavras, da impropriedade dos termos ou da pontuação defeituosa.

- *Solecismo* - erro de sintaxe (concordância, regência, colocação): falta cinco alunos; eu lhe estimo; revoltarão-se.

d) *Evitar os jargões*

O pregador deve manter-se o cuidado, durante a pregação, de procurar aproximar-se o máximo possível do nível da linguagem comum, a fim de se tornar acessível ao maior número de ouvintes. É claro que o conceito da linguagem comum é bastante flexível. Os seus limites variam conforme a situação. Com isso, excluimos da prédica as "gírias" e os "jargões" especializados. Ambos são tipos de linguagem grupai; exatamente o oposto da linguagem comum. A *qíria* sempre é restrita a certa época, a certo ambiente, a certo grupo. Devemos, portanto, evitar o dialeto e o calão. Linguagem sã e irrepreensível! em todo o tempo e lugar.

Capítulo Seis

A. O PREGADOR E SEU COMPORTAMENTO ÉTICO

1. Como usar o corpo e a voz

Um fator bastante negativo para o pregador, em relação aos ouvintes, é a sua maneira extravagante de se portar no púlpito, ou em qualquer outro lugar ocupado por ele durante a pregação. Paulo recomendava aos seus leitores que evitassem tal prática e ação. Então ele diz: "Portai-vos de modo que não deis escândalo nem aos judeus, nem aos gregos, nem à igreja de Deus" (1 Co 10.32). E o próprio Deus nos recomenda: "Não por força nem por violência, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos" (Zc 4.6b). O pregador deve tentar vencer o mal, em vez de procurar um meio de esconder as suas manifestações externas, como gestos grosseiros e deselegantes. Para esse fim, a prática é um grande remédio, e um tratamento mais poderoso é a fé em Deus. E preciso também, de acordo com sua personalidade, que o pregador se acostume com o povo; então ele fica à vontade, porque está à vontade, sente-se em casa.

2. Os maus hábitos

Spurgeon fala-nos destes maus hábitos e nos adverte contra eles. Ele afirma ter conhecido um pregador que, quando perdia a pronúncia correta de uma palavra, invariavelmente, esfregava com cuidado o canto interno do olho esquerdo, com o dedo médio da mão direita. Outro, coçava ferozmente o nariz com o nó do polegar dobrado. Um terceiro, curvava os joelhos, separando-os, até suas pernas ficarem parecendo uma elipse. Depois, enfiando

as mãos nos bolsos até o fundo, lançava com vivacidade a seção superior do corpo para a frente.

Ora, freqüentemente, o hábito pode levar os pregadores a movimentos singulares, e a estes ficam tão apegados que não podem falar sem eles.

Alguns mexem num botão do paletó, ou brincam com os dedos, outros ajeitam o nó da gravata dezenas de vezes. Eu mesmo, já vi um pregador dando chutes com os dois pés, dizendo que estava chutando a cabeça do Diabo.

3. A postura do pregador

A postura do pregador deve ser natural, mas sua natureza não deve ser do tipo grosseiro; deve ser uma natureza bem educada e elegante.

Deve, o pregador, evitar especialmente aquelas posições nada naturais, num orador, por obstruírem os órgãos de comunicação e por comprimirem os pulmões.

B. POSIÇÃO CORRETA

1. O corpo

Todo o nosso corpo fala quando nos comunicamos. A posição dos pés e das pernas, o movimento do tronco, dos braços, das mãos e dos dedos, a postura dos ombros, o balanço da cabeça, as contrações do semblante e a expressão do olhar, cada gesto possui um significado próprio, e encerra em si uma mensagem.

Por esta e outras razões, deve o pregador usar o senso comum e não dificultar o seu falar, inclinando-se para a frente sobre a Bíblia ou sobre o púlpito; inclinando-se como se fosse falar confidencialmente com as pessoas que estão imediatamente embaixo. Alguns outros oradores erram na outra direção, e atiram a cabeça para trás, como se estivessem discursando aos anjos, ou como se estivessem olhando um manuscrito no teto. Isso também é prejudicial tanto ao pregador como aos ouvintes.

2. A posição da cabeça

John Wesley opina quanto esta parte, e diz: "A cabeça do orador não deve ser mantida muito para cima, nem comicamente lançada muito para a frente, nem deve descair e ficar pendendo,

por assim dizer, sobre o peito; nem deve ficar inclinada para um lado ou para o outro; mas deve ser mantida modesta e decentemente ereta, em seu estado de posição natural".

3. A posição do pescoço

Esticar o pescoço durante a pregação é antiético e penoso para a voz.

4. O rosto

O semblante talvez seja a parte mais expressiva de todo o corpo. Funciona como uma espécie de tela, onde as imagens do nosso interior são apresentadas em todas as suas dimensões. Cada sentimento possui formas diferentes para ser apresentado pelo semblante. O queixo, a boca, as faces, o nariz, os olhos, a sobrancelha e a testa trabalham isoladamente, ou em conjunto, para demonstrar idéias e sentimentos transmitidos pelas palavras e, muitas vezes, sem a existência delas.

A boca semi-aberta, com os olhos abertos, indicará estado de espanto, surpresa, sem que uma única palavra seja pronunciada.

O semblante trabalha também como indicador de coerência e de sinceridade das palavras. Deve demonstrar exatamente aquilo que estamos dizendo. Se falamos de um assunto que deveria provocar tristeza, não podemos demonstrar uma fisionomia alegre ou indiferente...

5. Os olhos

Os olhos representam o poder mais enérgico que a pessoa humana tem para influenciar outrem, e até mesmo para exercer influência sobre as demais pessoas que a rodeiam.

Muitas são as razões que explicam esta situação. Por exemplo, a primeira coisa a olharmos em outra pessoa, quando estamos próximos e queremos ser educados e atenciosos, será precisamente os olhos dos que nos olham e de quem nos ouve.

As pessoas que usam meios e práticas associativas à palavra, não deixam de educar os olhos, para que, tendo mais facilidade de manterem a sua autoridade, venham persuadir seus ouvintes.

Muitas impressões são transmitidas através dos olhos, da seguinte maneira:

- Piscar de olhos: malícia, esperteza, conquista.
- Olhos semicerrados e mordendo levemente o canto do lábio inferior: entendimento, compreensão, descoberta.
- Olhos semicerrados: pouco caso, desconfiança, vingança.
- Olhos abertos, boca pouco mais aberta e testa franzida: espanto, surpresa.
- Olhar fixo no infinito: idiotice.
- Morder levemente todo o lábio inferior, com o olhar fixo para baixo: pensativo.

Portanto, de todo o semblante, os olhos possuem importância mais evidenciada para o sucesso da expressão verbal.

Tanto psicológica como biblicamente falando, isso é significativo. Pedro disse ao coxo: "Olha para nós" (At 3.4b).

Paulo também usava de autoridade divina por meio dos olhos (At 13.9; 14.9).

6. Mexer com os ombros

O hábito de encolher, levantar e abaixar os ombros, chega a dominar alguns pregadores. Certo número de homens tem ombros largos por natureza, e muitos outros mais parecem determinados a dar essa impressão, pois quando não têm algo de peso para transmitir, apoiam-se, elevando as costas.

Spurgeon afirma ter visto um pregador em Bristol, que quando falava fazia ressaltar a corcova.

Quintiliano diz que "algumas pessoas levantam os ombros quando falam, mas isso é um erro na gesticulação. Para curar-se disso, Demóstenes costumava ficar numa tribuna estreita e praticar a oratória com **uma lança** pendurada sobre o ombro de modo que, se no calor da elocução ele deixasse de evitar aquele defeito, seria corrigido ferindo-se contra a ponta". Este método de disciplina é perigoso, mas se assemelha àquele recomendado para os glutões. Aqui é mais rigoroso: "...põe **uma faca** à tua garganta, se és homem glutão" (Pv 23.2b).

C. OS MOVIMENTOS DO PREGADOR

1. A estética

A estética na oratória torna-se um dos elementos de extrema beleza. O pregador bem disciplinado não deve permanecer imóvel como se fosse uma estátua, nem estar continuamente em movimento e lançando-se para todos os lados como se fosse um palhaço. Para evitar ambos os extremos, deve voltar-se gentilmente, conforme a ocasião, ora para um lado, ora para outro; noutras ocasiões deve permanecer fixo, olhando direto para a frente, para o meio do auditório. Algumas técnicas são necessárias, conforme já tivemos ocasião de estudá-las; mas nunca nos esqueçamos que a naturalidade torna-se o primeiro elemento a ser usado pelo pregador. A mensagem do pregador deve estar baseada na inspiração e não unicamente na gesticulação. A verdadeira veemência nunca se degenera, transformando-se em violência e vociferação. É a força da inspiração que deve predominar, e não a do furor. Não se manifesta nos guinchos, no espumar frenético, no bater dos pés e nas contrações do excesso vulgar. Em seu mais intenso entusiasmo, é varonil e nobre; eleva, não degrada. Nunca se rebaixa ao tom dos gritos. É vulgaridade dos sons guturais? À ênfase dos berros esganiçados, ao histórico êxtase da entonação, às atitudes de valentão, e aos punhos cerrados da paixão extravagante.

2. O uso das mãos

Outro fator importante para o pregador é saber usar suas mãos para a glória de Deus. John Wesley em sua obra *Orientações Sobre Pronúncias e Gestos*, orienta o pregador quanto ao uso correto das mãos, dizendo: "Nunca deve bater palmas, nem esmurrar o púlpito. Já pensou Moisés esmurrando e dando pontapés na Arca, ou no Propiciatório? Raramente as mãos devem elevar-se acima dos olhos".

Quando o seu sermão exigir um pouco de ação imitativa, seja vigilante para não usar alguma parte do seu corpo (especialmente as mãos) de maneira incorreta.

Em nossa própria cultura universal, determinados gestos com partes de nosso corpo transmitem aquilo que queremos expressar.

É verdade que a movimentação expressa menos coisas do que a linguagem, mas é possível expressar essas poucas coisas com maior força ainda. Por exemplo: Abrir com indignação uma porta e apontar para ela é uma ação quase tão enfática como dizer: "Saia da sala!" Negar a mão quando outro estende a sua é marcante declaração de má vontade, e provavelmente produzirá amargor mais duradouro do que as palavras mais severas. Um pedido para fazer silêncio sobre certo assunto, pode ser transmitido muito bem cruzando os lábios com o dedo. Um meneio de cabeça indica desaprovação de modo marcante. Sobrancelhas erguidas expressam surpresa em estilo categórico. E cada parte do rosto tem sua eloqüência, exprimindo prazer ou pesar. Que volumes podem ser condensados num encolher de ombros, e que lamentáveis danos esse mesmo encolher tem produzido!

a) *Os gestos e a entonação das palavras*

Os gestos e as expressões do pregador devem se harmonizarem em cada detalhe! Por exemplo, um pregador que prega uma mensagem sobre acontecimentos futuros, não deve colocar constantemente suas mãos para trás; como, de igual modo, se seu sermão está baseado num fato histórico do passado, não deve usar suas mãos apontando para a frente. Tudo deve ser compatível com o acontecimento. Isso deve ser feito para evitar os extremos. Já vi pregador falar sobre o inferno apontando para cima: o céu; enquanto que, ao falar sobre o céu, apontava para baixo. Que contraste!

b) *Direção correta*

Alguns pregadores sempre dão ordens com as mãos espalmadas, que continuam movendo para cima e para baixo ao ritmo de cada sentença.

Ora, este movimento é excelente a seu modo, se não for executado de maneira muito monótona, mas infelizmente está sujeito a acidente.

Se o orador continua a mover a mão para cima e para baixo, corre grande perigo de apresentar uma aparência com implicações deploráveis.

O objetivo da ação é o simbolismo, mas, infelizmente, o símbolo está um tanto vulgarizado, e tem sido descrito como "por o dedão do despeito no nariz da desfeita".

Daí, visto que a gesticulação e a postura podem falar poderosamente, devemos ter o cuidado de fazê-las falar de modo correto.

c) *No contexto da visualização*

São várias as técnicas e os métodos de aplicação no campo da comunicação gesticular.

- Expressa-se a idéia de grandeza, estendendo-se as mãos.
- A idéia de ir a alguma parte pode ser expressa, colocando-se a mão direita no peito e depois estendendo-a.
- Se se dirigir a mente a algum conceito (como Deus), pode-se levantar as mãos.
- A idéia de extensão (como a extensão do Evangelho até aos confins da terra) se expressa colocando-se as mãos unidas sobre o peito e, a seguir, estendendo-as ao nível dos ombros.
- Oferecer algo se expressa inclinando-se para os ouvintes com os braços estendidos e as palmas das mãos voltadas para cima.
- Ao explicar alguma coisa, deve-se ter as mãos afastadas uns 30 cm uma da outra, com os dedos ligeiramente separados, etc.

d) *O uso dos dedos*

O professor Polito nos orienta que não somente o uso correto das mãos é necessário, mas também como parte complementar o uso dos dedos. Então ele diz:

- O dedo indicador, em riste, ameaça, acusa; levantado, alerta, pede atenção; ligado ao polegar indica autoridade, conhecimento quanto ao assunto. Para orientar e explicar, basta deixar os três dedos: médio, indicador e polegar abertos.
- A mão fechada, com o polegar pressionando o dedo médio, indica força, energia, vigor. Quando o polegar pressiona a

parte lateral do dedo indicador, ainda com a mão fechada, seu significado passa a ser o de poder.

- A mão aberta, com a palma voltada para cima e os dedos levemente unidos, indica recebimento, doação, amistosidade, súplica. Com a palma voltada para baixo, significa rejeição, repulsa. Ainda voltada para baixo, com pequenos movimentos, significa pedido de calma, paciência, espera, silêncio.

- A mão aberta esticada com a palma voltada para a lateral e sobre a outra aberta com a palma voltada para cima, como se uma fosse cortar a outra, significa separar, dividir...

- As mãos abertas com as palmas voltadas para cima, com os dedos abertos um pouco curvados e com pequenos e enérgicos movimentos, significa renascer, aflorar, despertar.

- A mão aberta, com a palma voltada para baixo e com movimentos laterais, indica afastar, tirar, remover.

- As pontas dos dedos unidos, voltados para baixo, com pequenos movimentos, significa plantar, penetrar, tempo presente, local próximo.

- A mão aberta, com os dedos afastados, a palma voltada para a lateral, num movimento para dentro próximo ao corpo, fechando-a ao mesmo tempo, indica reunir, juntar, etc.

D. O ESTILO EM GERAL

1. O estilo propriamente dito

O vocábulo *estilo* do grego *styles* e do latim *stylus* - instrumento pontiagudo, de feno, com que os romanos escreviam sobre tabuinhas cobertas de cera - foi muitas vezes empregado por Cícero para denotar a maneira de se escrever, o modo de se expressar o pensamento na escrita; e, em época posterior, mui naturalmente se estendeu tal vocábulo ao discurso. Na obra *O Estilo na Comunicação*, de autoria de M. R. Nunes, Rio de Janeiro, 1973, ele apresenta sete qualidades essenciais quanto ao estilo de qualquer comunicação, quer oral, quer escrita. Então ele diz em alusão ao orador:

- *Correção*

O conceito de correção pode variar, conforme a situação, porque a mensagem precisa adaptar-se aos receptores. O critério, embora não muito preciso, deve ser, também aqui, o da língua comum.

- *Clareza*

Clareza em lugar de emprego de expressões ou vocábulos inexatos, ambíguos, inexpressivos, de floreios e atavios, de longas ou repetidas intercalações, disconexas...etc.

- *Originalidade*

Originalidade em lugar de vulgaridade, de trivialidade, de expressões consagradas, de frases feitas, de vícios de linguagem, de termos ambíguos sem nenhuma significação coloquial para o tempo ou para o espaço.

- *Conciso*

Concisão em lugar de prolixidade, de pormenores abundantes, de generalidades, de condoreirismos, de sinonímias ou repetições desnecessárias, de copiosas adjetivações, etc. E preciso, todavia, não exagerar a preocupação de ser conciso, para não incorrer no vício da estéril *secura*, como defeito da concisão.

- *Vivacidade*

Vivacidade em lugar de frouxidão, inexpressividade, anemia, morosidade. O estilo deve ser dinâmico, vivo, enfático, vigoroso, atraente e sugestivo.

- *Harmonia*

Harmonia em lugar da aridez de vocábulos e expressões, do uso repetido de vogais fortes ou semelhantes, da acumulação de monossílabos, do abuso de pontuação, de nasalações de sons parecidos, etc.

- *Naturalidade*

Naturalidade em lugar de preciosismos, (te arcaísmos pedantes, de neologismos extravagantes e desnecessários, de formas rebuscadas, de exageros petulantes, de imagens ou metáforas ridículas.

Qualquer mensagem que tenha o caráter de novidade, chamamos de mensagem informativa. A comunicação escrita pode restringir-se a um estilo meramente informativo, já que o leitor tem condições de, constantemente, retomar a uma

passagem anterior para conferir detalhe. O mesmo, entretanto, não acontece na comunicação oral, seja de que gênero for. Tanto a conversa informal quanto a aula, a prédica ou a conferência carecem de redundância, já que o ouvinte não tem condições de reescutar o que já foi dito. Na comunicação oral é preciso que haja um equilíbrio entre informação e redundância. O bom senso ditará a dimensão da redundância, que, evidentemente não deve levar a uma comunicação enfadonha. Redundância ocorre quando a informação é remastigada (ruminada pela ovelha), comentada, reenfocada sob diversos aspectos e de diversas formas. A tendência da grande maioria dos pregadores modernos é exagerar a informação e negligenciar a redundância. Recursos de redundâncias são:

- Metáforas
- Ilustrações
- Comparações
- Citações
- Narrações e outras formas de expressão.

O estilo de um homem pode ser fascinante como o de alguém que disse escrever com pena de cristal molhada em orvalho, em papel de prata, e para secá-lo usava pó de asa de borboleta.

Mas para um auditório cujas almas estão em perigo iminente, o que será a mera elegância, se esta não se encontrar mesclada pela graça divina? Nada!

Spurgeon costumava dizer: "Não se julgam cavalos por suas campainhas e por seus arreios, e sim, por suas pernas, sua estrutura óssea e por seu sangue; e sermões, quando criticados por ouvintes judiciosos, em grande parte são avaliados pela proporção de verdade do Evangelho e pelo poder do Espírito da graça que eles contêm. Irmãos, ponderem os seus sermões! Não os avaliem por retalhos, por peças. Não façam as contas pela quantidade de palavras que pronunciam, mas lutem para serem avaliados pela qualidade, estilo e substância que apresentam. É loucura ser pródigo (esbanjador) em palavras e avarento (mesquinho) quanto à verdade..."

Um outro fator que deve ser preponderante em nossas mensagens é a exatidão. Devemos também usar palavras e frases que expressem exatamente aquilo que pensamos. Os termos podem ser inteligíveis ao auditório e mesmo assim não terem para ele o significado que lhes damos. Podem ser vocábulos ambíguos e, assim, o ouvinte pode entendê-los nos dois sentidos, ou num deles, e daí não compreenderá prontamente o que desejamos dizer. Até mesmo os escritores sagrados, empregando um estilo fácil e coloquial, às vezes nos legaram "...pontos difíceis de entender..." Torna-se importante, portanto, que o pregador, por amor a Deus e as almas, use expressões coloquiais, pois somente assim haverá receptividade na teoria e na prática.

2. A beleza

Tomás de Aquino define o belo como *id quod visum placet* - o que agrada ver. Os filósofos aristotélicos faziam uma definição do belo, encerrando dois elementos essenciais:

- A beleza é o objeto de inteligência ou de conhecimento intuitivo, enquanto que resulta de condições que não são acessíveis senão à inteligência. Essas condições são:

- A integridade do objeto;
- A proporção ou unidade na variedade;
- Enfim, a clareza ou resplendor da inteligibilidade. E certo também que a beleza sensível é acessível aos sentidos e os põe num ido de bem-estar e de satisfação: o ouvido se encanta com uma música, os olhos se comprazem nas belas formas plásticas e coisas assim.

- A beleza é fonte de satisfação, defendia Tomás de Aquino. O belo é deleitável; encanta e arrebat; gera o desejo e o amor. A saciedade que pode produzir, às vezes, não vem senão das condições subjetivas de sua percepção. Em si mesmo, o belo é fonte de satisfação constantemente renovada. No Antigo Testamento, era exigência de Deus que seus ministros (os sacerdotes) fossem um tipo de beleza. Os requisitos para tal seleção estão declarados em Levítico 21.16-21, onde lemos: "Falou mais o Senhor a Moisés, dizendo: fala a Arão, dizendo: Ninguém da tua semente, nas suas gerações, em quem houver alguma falta, se chegará a oferecer o pão do seu Deus. Pois

nenhum homem em quem houver alguma deformidade se chegará: como homem **cego**, ou **coxo**, ou de **nariz chato**, ou de **membros demasiadamente compridos**, ou homem que tiver o **pé quebrado**, ou **quebrada a mão**, ou **corcovado**, ou **anão**, ou que tiver **belida no olho**, ou **sarna**, ou **impigens**, ou que tiver **testículo quebrado**. Nenhum homem da semente de Arão, o sacerdote, em quem houver alguma deformidade, se chegará para oferecer as ofertas queimadas do Senhor; falta nele há; não se chegará para oferecer o pão do seu Deus". Em o Novo Testamento, o conceito em relação a isso, não mudou. O apóstolo Paulo diz que a perfeição deve estar em foco naqueles que desejam o episcopado. "...Para que o homem de Deus seja perfeito, e perfeitamente instruído para toda aboa obra" (2 Tm 3.17). E claro, evidentemente, que esta beleza, hoje, não se trata de dotes físicos, e, sim, de beleza espiritual. Contudo, é indispensável que o pregador se apresente com elegância e respeito para com o auditório e para com Deus.

Quando aplicamos a beleza para o campo homiliasta, especialmente no que tange ao estilo, clareza e vigor na pregação da Palavra de Deus, ela produz três coisas importantes no auditório:

1ª - *Satisfação*: As coisas belas proporcionam satisfação (*id quod visum placet*). Diz-se comumente, também, que elas são fontes de prazer.

2ª - *Admiração*: As coisas belas provocam a admiração, isto é, o espanto e o respeito. Elas espantam pelo que comportam de perfeição inesperada, de visão original e penetrante, de associações singulares, de combinações audaciosas. Inspiram uma espécie de respeito sagrado, pela revelação que trazem do mundo secreto das formas, e, sobretudo, pela manifestação do poder que exercem sobre a inteligência humana. A polícia do templo testemunhou do estilo e beleza que as palavras de Jesus continham, dizendo: "...nunca homem algum falou assim como este homem" (Jo 7.46b). Os guardas se sentiram subjugados pela beleza e reverência da força espiritual que aquelas palavras demonstravam.

3ª - *Simpatia*: O sentimento estético aparece como eminentemente social. Ele é fator de simpatia ou de gozo em comum. Quem quer que goze a influência que a beleza traduz, aspira a comunicar a outro sua emoção, a compartilhar sua admiração. A beleza dum mensagem inspirada por Deus e bem apresentada pelo pregador, consegue realmente fazer vibrar as almas sedentas, criar uma espécie de unidade espiritual, em virtude justamente de seu caráter gratuito. A beleza, como tal, está além das causas de diversões e de conflitos.

3. A clareza

O pregador, mais que qualquer outra pessoa, tem a sagrada obrigação de usar linguagem muito clara. Isso é de suma importância, quando se expressa uma lei, quando se escreve um título de propriedade ou coisas assim. Com efeito, tem maior importância ainda na proclamação da Palavra de Deus. Os escribas responsáveis pelo ensino divino no Antigo Testamento, eram homens dotados de grande saber. Entretanto, exigia-se deles que, ao ministrar seus ensinamentos, fossem claros e objetivos. Observe o que diz esta passagem: "E leram no livro, na lei de Deus; e declarando, e, explicando o sentido, faziam que, lendo, se entendesse" (Ne 8.8). "Seja o pregador um poliglota ou não, deverá conhecer pelo menos duas línguas - a dos livros e a da vida comum" (Spurgeon). "O pregador deve pensar como os letrados, mas falar como o povo comum fala" (Wesley).

A clareza, portanto, depende de três coisas, que são:

- A escolha das palavras;
- A construção das sentenças e parágrafos;
- E o emprego apropriado da brevidade e tratamento.

Para tanto, deve o pregador, nesse caso, não cultivar os extremos. Deve, então, usar naturalidade e vocabulário ideal.

- O vocabulário pobre, predominante na maioria das pessoas, atende somente às necessidades mais primárias do dia-a-dia. Compõe-se de um número reduzido de palavras e não permite o domínio total da mente sobre determinados assuntos.

- O vocabulário técnico ou sofisticado tem seu lugar adequado para uma minoria de profissionais. Ali, portanto, é sempre usado uma linguagem técnica especificada. Esse,

entretanto, não é o caso do pregador em geral. Ele está comissionado a pregar "a toda a criatura" (Mc 16.15).

O vocabulário ideal que deve ser usado pelo pregador é aquele que se adapta a qualquer auditório. Embora simples, porém correto, transmite as idéias claramente, sem cortar o elo do pensamento da argumentação apresentada. De Quincey diz: "Aquilo que é boa retórica para os tribunais é má para um livro. Mesmo para as mais elevadas formas da eloquência popular, as leis do estilo se desviam muito do padrão geral. No senado, ou mesmo nas câmaras dos poderes em geral, e pela mesma razão na imprensa, é virtude repetir-se o significado das sentenças, a variedade das palavras, com uma substancial identidade do sentido e a diluição da verdade, e é muitas vezes uma necessidade... Entretanto, para o discurso, o retorno é coisa impossível, a não ser que o pregador o faça na conclusão".

4. O vigor

O termo *vigor* foi tomado pelos oradores como designativo, aplicado ao estilo, para denotar a animação, a força, a energia, a paixão, a vivacidade e animação do pregador durante o tempo em que está transmitindo o discurso. Um dos fatores bem ligado ao vigor do pregador é a "paixão". A paixão - que em suas formas mais ternas e mais fracas chamamos de "ênfase" e em suas formas mais elevadas constituem o "sublime" -, exerce seu efeito sobre os sentimentos, muitas vezes por meio da imaginação; e tanto a força como paixão por fim visam influenciar a vontade. Vê-se claro, pois, que a propriedade característica do estilo eloqüente é a "energia". Precisa-se da clareza no estilo filosófico ou didático; precisa-se da elegância no estilo poético; mas precisa-se também da energia (ou vigor), isto é, animação, força ou paixão, que é a sua característica principal.

E. A IMITAÇÃO

1. A consciente e a inconsciente

O Dr. John Broadus apresenta dois tipos de imitação: a **consciente** e a **inconsciente**. Esta última não é coisa censurável,

mas não deixa de prejudicar, é mal sutil contra o que devemos nos precaver com bastante cautela. Sempre se observa que os imitadores têm grande habilidade para imitar as faltas dos outros. E a razão é clara: as boas qualidades do bom orador são simétricas, regulares, metódicas; ao passo que suas faltas são mui salientes e dão na vista.

Por isso, estas últimas mais facilmente atraem a imitação inconsciente. Quanto ao imitador consciente, não passa de um observador superficial que se empolga com aquilo que ele mais nota no seu orador predileto. Alguns se fascinam pelo uso da voz; outros pelos gestos do pregador; ainda outros, apenas pelo sacudir da cabeça.

Um estilo bom, certo, positivo pode ser tão-somente admirado e não imitado. O estilo pode ser natural para aquela pessoa que fala, porque a pessoa está expressando aquilo que ela é, sem nenhuma elaboração. Entretanto, para um outro ser individual, torna-se ridículo, pois o maior perigo da imitação é a perda da autenticidade. A imitação passa a ser, neste caso, uma espécie de plágio disfarçado.

2. Naturalidade

De acordo com o código genético, o ser humano herda 40% das características do pai; 40% da mãe e 20% são dele. Estes 20% formam sua individualidade e personalidade. Tal segredo forma uma combinação original de traços e de ocultas experiências que nenhuma imitação consegue reproduzir. Portanto, deve o pregador ter sua própria voz, pessoal, o seu tom (grave ou agudo), e deve obedecer às suas emoções próprias, ao seu modo de enfatizar as verdades; seus sermões devem seguir o caminho traçado por seu próprio pensamento.

Segue-se que o pregador nunca deve pregar apenas baseado na prática. Se assim o fizer, sua mensagem não tem sabor; e nada há tão enfadonho como se ouvir um pregador sem a graça de Deus. Sua mensagem torna-se tipo espada na invocação do jargão: "comprida e chata".

A originalidade, tanto no pregador como na mensagem, é de suma importância; sua mensagem não se apóia apenas em "...palavras de sabedoria humana, mas com as que o Espírito

Santo ensina..." (1 Co 2.13). Não devemos pensar, ao adotar os métodos retóricos, que já conseguimos tudo. Não! Paulo não se apoiava simplesmente no poder da retórica, e, sim, no poder de Deus. Então ele diz: "...a minha pregação não consistiu em palavras persuasivas de sabedoria humana, mas em demonstração de Espírito e de poder. Para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria dos homens, mas no poder de Deus" (1 Co 2.4,5).

O assunto da pregação é a verdade divina, centralizada no Evangelho revelado e oferecido em Jesus Cristo. O objetivo é a vida eterna, conforme as palavras de Jesus: "...para que tenham vida, e a tenham com abundância".

Capítulo Sete

A. O AUDITÓRIO E SEUS COMPONENTES

1. Os elementos básicos

Não tão-somente o sermão precisa ter seus elementos funcionais, para facilitar a transmissão verbal do pregador, mas também torna-se necessário que o próprio auditório, seus utensílios e comportamento ético das massas condigam com as exigências cabíveis ao procedimento.

Isso significa que o local (seja templo, estádio, ginásio, salão, praça, etc.), sistema de som, púlpito e o povo, onde e a quem se vai ministrar, estejam preparados para tal evento.

São vários os locais onde o pregador é convidado para transmitir a mensagem divina; entretanto, é no templo onde ele já pregou e irá pregar a maior parte de sua vida. Portanto, o auditório físico, onde ele vai pregar, tem muito que haver com seu sermão.

2. O auditório

De acordo com o testemunho dos evangelhos, Jesus sempre pregava ao ar livre; mas a maior parte de sua vida também foi encontrada nas sinagogas e no Templo, pregando e ensinando a ; Palavra de Deus. Não nos esqueçamos que o último sermão pregado por nosso Senhor, em seu ministério terreno, foi "...num grande cenáculo mobilado e preparado" (Mc 14.15). Em nossos dias, alguns obreiros (não são todos), não se preocupam com o modelo, estética e estrutura do templo. "Tendo as quatro paredes", dizem alguns, "já está muito bom!". Com efeito, a vontade de Deus é que façamos sempre um santuário modelo e, nalgumas vezes, este modelo é mostrado pelo próprio Deus (Êx 25.40;

40.16, 19.33; 1 Cr 28.10-12,19). Após sua consagração e dedicação para o serviço divino, o templo é concebido como sendo a "casa de Deus" e a "porta dos céus" (Gn 28.17). Não nos referimos aqui apenas a templos suntuosos. Não! Pois o templo deve ser construído de acordo com as circunstâncias regionais e possibilidades da Igreja. Entretanto, grande ou pequeno, seja como for, deve ser edificado com zelo e capricho. Um bom templo também inspira o pregador a entregar uma boa mensagem.

3. O púlpito

Por incrível que pareça, era esta aparte do auditório que mais intrigava Spurgeon. E, com efeito, ele tinha razão. O púlpito (tomamos aqui o móvel central para representar a base e a extensão de toda tribuna) é, sem dúvida, o lugar central do auditório. Dependendo do local da concentração, ele deve ser chamado, conforme a definição correta de:

- Púlpito (na igreja)
- Tribuna (numa concentração de médio porte)
- Plataforma (numa concentração de grande porte)
- Escabelo (numa pequena reunião ao ar livre).

Entretanto, o sentido coloquial, conforme o pensamento geral da Bíblia, é *púlpito*. Em Neemias 8.4 diz que Esdras, o escriba, estava sobre "...um púlpito de madeira".

a) O formato do púlpito

O formato do púlpito, quando bem delineado, traz uma certa vantagem para o pregador. Spurgeon faz referência a determinados púlpitos em que pregou, e passou por maus momentos. Ele os descreve assim: "Notáveis são as formas que os púlpitos têm assumido de acordo com os caprichos da fantasia e da tolice humanas. Há anos alcançaram provavelmente a sua pior forma. Quais poderiam ter sido o seu propósito e a sua finalidade, seria difícil conjecturar. Um alto púlpito de madeira, no velho estilo, podia bem lembrar ao ministro a sua moralidade, pois não passa de um caixão posto em pé. Muitas dessas construções assemelham-se a barris; outras são de forma de taças, para os copos. Uma terceira categoria evidentemente seguia o modelo de um paiol sobre quatro pernas. Uma quarta variedade pode comparar-se a ninhos de andorinha cravados na parede... Alguns

deles são tão altos que fazem rodar as cabeças dos ocupantes, quando estes se atrevem a olhar para as temíveis profundidades abaixo deles, e dão torcicolo naqueles que olham durante qualquer espaço de tempo para o pregador lá no alto..."

Numa secção declara Spurgeon: "Geralmente são altos estes púlpitos que uma pessoa de baixa estatura como eu (Spurgeon era de pequena estatura), mal pode ver por cima deles... e são estas pequenas coisas que fazem a nossa mente saltar da engrenagem, embaralham os nossos pensamentos e perturbam o nosso espírito..."

b) O púlpito e sua estética

Segundo minha visualização neste sentido, o obreiro, ao construir um templo, deve, com muito cuidado, zelar por esta parte do santuário. No Antigo Testamento, Deus falava com Moisés "...de cima do propiciatório, do meio dos dois querubins..." (Êx 25.22). O propiciatório (a cobertura da Arca) era uma espécie de púlpito d'onde Deus falava a Moisés. Dali, Moisés saía com a mensagem para o povo. Nos nossos dias, o púlpito é o lugar onde Deus sempre fala ao seu povo; por isso, o mesmo deve ser bem planejado, ter estética e ser confortável. O móvel central deve ser bem delineado. Em algumas igrejas, ele é acabado em cima em sentido horizontal e, na parte inferior, colocado um suporte, para dar sustentação a Bíblia. A meu ver, este modelo de púlpito é o mais bem pensado; pois, muitas vezes, o pregador se preocupa bastante em ver sua Bíblia deslizando em direção ao solo; entretanto, se o púlpito tem este formato descrito acima, não é necessária tal preocupação; e, além disso, há também lugar confortável para se colocar o esboço ou mesmo um sermonário.

4. O som

Sempre costumo dizer: "a fé vem pelo ouvir" e o ouvir através de um bom som!". Muitos obreiros não têm se preocupado com esta parte em suas igrejas; entretanto, ela é bastante necessária.

No que tange ao *fraco* ou *forte*, deve haver também boa regulamentação, a fim de que o mesmo não se torne indesejável, a ponto de gerar doenças e mal-estar nos ouvintes.

A intensidade de um som pode ser medida em uma unidade chamada **decibel**.

A poluição sonora pode diminuir gradualmente a audição. A surdez progressiva é comum em pessoas submetidas a sons fortes gerar muitos outros males e doenças. Intensidades sonoras a partir de 120 decibéis são estressantes; estimulam a produção de adrenalina e, se uma pessoa for submetida durante longo tempo a tais intensidades, poderá ter distúrbios nervosos, enfartes, úlcera gástrica e outras doenças de *stress*. Geralmente, segundo os critérios estabelecidos pelos especialistas, a intensidade sonora permitida deve ser no máximo 55 decibéis. Os professores J. Vasconcellos e F. Gewandsznajder, em o livro PROGRAMAS DE SAÚDE. Editora Ática, São Paulo, 1989, dão uma idéia do valor médio de decibéis produzidos em determinadas situações e atividades humanas.

<u>TABELA DE RUÍDOS</u>	<u>(DECIBÉIS)</u>	<u>EFEITOS NO ORGANISMO</u>
Janelas abertas para rua de circulação média.	(60)	Possível interferência no sono
Pessoas conversando animadamente.	(70)	Limite de desconforto.
Rua de circulação intensa	(80)	Alguma irritação.
Rua de circulação intensa no horário do <i>rush</i> .	(90)	Risco de problemas auditivo e nervoso com exposição prolongada.
Britadeira, buzina, veículo com escapamento aberto, ônibus acelerando.	(100)	Risco de surdez com exposição de 8 ou mais horas por dia.
Discoteca	(110)	Risco de surdez, problemas nervosos, etc.
Avião a jato decolando a 100 metros de distância.	(120)	Início de dor, problemas variados com exposição freqüente.

a) O microfone

O microfone é um pequeno instrumento sensível dentro do sistema eletrônico, que capta os sons a serem enviados aos ouvintes. Ele converte a energia mecânica do som - as ondas originárias do som e outros barulhos - em energia elétrica. Fundamentalmente, o microfone é constituído de duas partes: o diafragma e o sistema de conversão.

A missão principal do microfone é aumentar a intensidade
b) A direção do microfone

Em alguns auditórios, a mensagem torna-se defeituosa devido a direcionabilidade do microfone. Alguns microfones de alta categoria não sofrem tanto com este processo, mas outros sim. A direcionabilidade dos microfones está dividida em três grupos principais:

- Omnidireccionais
- Bidireccionais
- Cardióides.

Os microfones omnidireccionais, também conhecidos por "sensíveis circularmente", são aqueles que captam todo o som que os circunda.

Estes microfones são especialmente úteis para conferência, ou gravações de orquestras.

Os microfones bidireccionais são apenas usados quando queremos captar o som de duas direções opostas. Para nossos auditórios, eles são aconselháveis para esses fins.

Por último, os cardióides têm uma zona de sensibilidade em forma de coração e, por conseguinte, captam o som de um só lado. Este tipo de microfone é usado com frequência por locutores esportistas. Não é nosso caso.

c) A distância entre o pregador e o microfone

Outro fator importante para o pregador e sua postura ética é manter a distância apropriada entre si e o microfone.

Dependendo da capacidade dos dois, na introdução deve ser mantida a distância entre 10 e 15 centímetros e no calor da eloquência, entre 20 e 50 centímetros. As curtas distâncias dão ao pregador um certo sentimento de *intimidade* e tornam-se mais clara e distinta a sua voz. Contudo, deve haver cuidado em não se

aproximar demasiado, pois, do contrário, o som dos lábios e a respiração podem perturbar.

d) A altura do microfone

Ao acertar a altura do microfone, procure não deixá-lo na frente do rosto, para não dificultar o auditório a ver o seu semblante. Deixe-o ao nível do queixo na introdução e a um ou dois centímetros abaixo do mesmo na dissertação.

Se for preciso segurar o microfone com a mão para se movimentar no púlpito, o cuidado com o jato de voz deverá ser o mesmo; nesse caso não movimente a mão que segura o microfone e deixe-o sempre à mesma distância.

5. A massa humana

Outro elemento fundamental no auditório é o comportamento do povo em geral. A parte ética ou moral diz respeito à ordem e maneira de estar, postura, prática e obediência em todos os trabalhos que são realizados pela Igreja - dentro ou fora de suas portas. É bom lembrar que uma das coisas que mais impressionou a rainha Makeda de Akssun (conhecida na Bíblia como a rainha de Sabá), quando visitou Salomão, foi a maneira de estar ou a ética disciplinar dos servos do rei. Eis o que diz a narrativa: "Vendo, pois, a rainha de Sabá toda a sabedoria de Salomão, e a casa que edificara, e a comida da sua casa, e o assentar de seus servos, e o estar de seus criados e os vestidos deles, e os seus copeiros, e a subida, pela qual subia à casa do Senhor, não houve mais espírito nela" (1 Rs 10.4,5).

6. Levantar-se durante o culto

Outra coisa deselegante, e que demonstra grande falta de disciplina, é alguém se levantar durante a mensagem. Pessoas há que se levantam mais de duas vezes durante a pregação. Isso não somente chama a atenção de muitos, que voltam os seus olhares, como também desnorteia o pregador e pode até tirar-lhe a linha de raciocínio. Portanto, o cristão ou mesmo o ouvinte comum, no auditório onde irá se processar a pregação, deve manter um espírito de adoração, ético e reverente.

Isso não só impressiona e comove o visitante, mas é também agradável a Deus. Evidentemente, para se manter o auditório nesta disciplina, deve haver antes da mensagem uma

fase de preparação. Isso trará bons resultados ao pregador e aos ouvintes.

B. O LOCAL DEVE SER EXTRATÉGICO

1. Escolha do local

Segundo o critério geral da homilética, a escolha e direção correta do local da pregação é significativo. Devemos evitar cuidadosamente localizações que possibilitem graves acidentes. Uma cabeça machucada ou uma perna fraturada não qualifica ninguém para desfrutar as belezas, ou as consolações da graça. É aconselhável que durante uma concentração, mesmo que o local seja uma praça, todas as vias de acesso devem permanecer livres fechado, este cuidado deve ser aumentado. É viável que durante uma concentração de grande porte, a comissão organizadora, através do locutor de preparação, preste todas as orientações necessárias ao povo, especialmente assinalando as direções onde se encontram as entradas e as saídas do auditório. Sem dúvida alguma, isso evitará algum acidente desagradável.

2. Pregar sob a influência de barulhos e ruídos

À primeira vista, o barulho das árvores parece inofensivo para o som e a dicção da voz do pregador. Spurgeon e outros pregadores do passado detestavam ministrar a Palavra de Deus debaixo de tais inimigos. Então ele diz: "Tenham como seu pior inimigo a proximidade de árvores... estas árvores fazem perpétuo ruído (especialmente onde o vento sopra forte) de silvo e rangido, quase como o barulho do mar.

"Cada uma das folhas de certas espécies de arvoredos está em permanente movimento, como a língua do tagarela. Pode ser que o ruído não pareça muito alto, mas apaga a melhor voz... Pregadores experimentados cuidam para que o sol não dê diretamente nos seus rostos. Tampouco desejam que seus ouvintes sejam molestados de igual modo. Portanto, parece tão insignificante; todavia, eles tomam estes itens em consideração quando planejam um culto".

3. Pregar contra o vento

Este é outro detalhe importante que quase passa despercebido pelos pregadores. Entretanto, será conveniente averiguar onde estará batendo o sol no horário estabelecido para apresentação, isto porque, dependendo da sua posição, poderá atrapalhar a visão de quem fala e de quem ouve. Não é somente o sol que deve ser observado neste ponto, mas a direção do vento, a interferência repentina de sons externos, como o de motores e máquinas, a acomodação das massas e até mesmo a previsão meteorológica. Spurgeon recomendava aos seus alunos: "Não tentem pregar contra o vento, pois será uma vã tentativa. Poderão lançar a voz a uma curta distância com um esforço espantoso, mas não poderão ser bem ouvidos nem sequer por poucas pessoas. Não é freqüente eu adverti-los a considerarem o lado para o qual o vento sopra, mas nesta ocasião os exorto a fazê-lo, caso contrário trabalharão inutilmente. Preguem de modo que o vento leve sua voz em direção ao povo, em vez de soprá-la de volta à sua garganta, ou terão que engolir suas próprias palavras. Não há como medir quão longe um homem pode ser ouvido com o vento a seu favor. Em certas atmosferas e climas, como por exemplo nos da Palestina, as pessoas podem ser ouvidas a algumas milhas de distância. Consta que Whitefield foi ouvido quando pregava a favor do vento a uma milha e me afirmaram que eu mesmo (Spurgeon) fui ouvido àquela distância.

"Não sei se exageraram um pouco, mas foram pessoas sérias que me afirmaram tal coisa..."

C. IDENTIFICAÇÃO DO AUDITÓRIO

1. Os ouvintes

É necessário o conhecimento prévio do auditório, pois nunca é demais enfatizar quão importante é para o pregador discerni-lo à luz do contexto. Se queremos ganhá-lo e mantê-lo durante nossa pregação, o discurso tem que ser suficientemente interessante, convidativo e emocionante para que os ouvintes decidam escutar e não mudar de atitude ou de lugar. Noutras palavras, o pregador tem que cativar seus ouvintes.

Nesse sentido, Jesus Cristo foi o maior pregador de todos os tempos. Seu falar não só atraía os ouvidos das pessoas, mas, de

modo todo especial, também seus olhares. Veja a passagem de Lucas 4.20 "...e os olhos de *todos* na sinagoga estavam fitos nele".

Há inúmeras formas de se obter o conhecimento do auditório em que nos encontramos; porém, o mais valioso de todos é sem dúvida aquele que o próprio pregador adquire através do contacto direto com os ouvintes.

Com efeito, é necessário que o pregador chegue alguns minutos antes do momento em que vai pregar (no mínimo 30 minutos). Durante este período de tempo o pregador deve fazer para si as seguintes perguntas:

- Qual o nível educacional da maior parte dos ouvintes?
- Quais são os seus interesses, hábitos e desejos?
- Qual é a sua situação financeira e o seu *status* social?

aparecem no auditório em cima da hora de pregar e, como não bastasse, vão embora antes do amém. São os tais fantasmas: aparecem e desaparecem!

Jesus sempre chegava cedo ao culto e quando se aproximava a hora da pregação, já tinha até mesmo lido um texto (Lc 4.17-20).

2. A importância da mensagem

Quem fala precisa ter a sensibilidade suficientemente desenvolvida para entender as intenções dos ouvintes. A nossa mensagem deve ser apresentada de maneira tal que as pessoas sintam nelas a orientação adequada. Em termos de rádios, todas as vozes são severamente medidas na *escala dos profissionais* e graduada de acordo com o seu *peso*. Os gregos faziam distinção entre o professor e o pregador. O primeiro se preocupa apenas com o conteúdo de sua comunicação, pois o mestre convence apenas pela lógica, pela verdade em si, que transmite a seus alunos. O pregador tem que falar à inteligência, provocar a imaginação e despertar os sentimentos. A pregação, portanto, não pode ser apenas peça fria, contida de razão e arte. Ela tem que ser uma expressão real da vida, uma expressão real de experiências vividas pelo pregador e dosada pelo Espírito Santo.

Capítulo Oito

A. FIGURAS DE LINGUAGEM

1. Divisão e definição

Conforme já tivemos ocasião de ver em outros capítulos, o pregador deve ser um grande observador e possuir uma noção geral da cultura secular e dos segredos da vida. Também se faz necessário que ele esteja familiarizado com a linguagem gramatical das Escrituras, tendo em vista a significação correta das palavras, a forma das frases, e as particularidades idiomáticas da língua empregada. Outrossim, deve o mesmo estar informado e conhecer a natureza que cada figura de linguagem, à luz do contexto lógico, representa. No entanto, quem torna a mensagem bem interessante é o Espírito Santo; todavia, a linguagem figurada da Bíblia, quando bem interpretada e apresentada, torna mais transparente o sermão.

Figuras de linguagem, também chamadas *figuras de estilo*, são recursos especiais de que se vale quem fala ou escreve, para comunicar a expressão com mais força e colorido, intensidade e beleza.

Dividiremos em três grupos, a saber:

- a) Figuras de palavras,
- b) Figuras de construção,
- c) Figuras de pensamento.
 - Figuras de palavras:
 - Metáfora
 - Metonímia
 - Perífrase
 - Figuras de construção:

- Anacoluto
- Elipse
- Inversão
- Onomatopéia
- Pleonasmo
- Polissíndeto
- Repetição
- Silepse
- Figuras de pensamento:
- Acróstico
- Alegoria
- Antítese
- Antítipo
- Apóstrofe -Dramatização
- Enigma
- Eufemismo
- Exclamação
- Fábula
- Hipérbole
- Interrogação
- Ironia
- Parábola
- Paradoxo
- Personificação
- Prosopopéia
- Reticência
- Retificação
- Símbolo
- Símile
- Sinédoque -Tipo

B. DIVISÃO GERAL DE CADA FIGURA

1. Figuras de palavras:

a) *Metáfora* (Do gr. *metaphorá*).

Consiste num termo usado para designar o sentido natural de uma palavra para substituir outra, em relação de semelhança

subentendida. É uma espécie de comparação (apenas mental). Não se deve, entretanto, confundir metáfora com a comparação no sentido primário do termo. Nesta, os dois termos vêm expressos e unidos por nexos comparativos. Exemplos:

- Nero foi cruel como um monstro (comparação).
- Nero foi um monstro (metáfora).

Outros exemplos:

- A primavera da vida;
- A luz da inteligência;
- O luar feria pedrinhas alvas nos caminhos (G.R.);
- Cai a tinta da treva sobre o mundo, etc. (Cegalla)

Em termos gerais, consiste de tomar a figura pela realidade.

Este gênero de sofisma é freqüente, principalmente quando se fala de coisas espirituais. Na metáfora não se usa termos de aproximação, como "semelhante", "como", "parecido", etc. E, sim, usa-se afirmação, tais como "é", "sou", etc.

- "Judá (é) um leãozinho" (Gn 49.9)
- "Vós (sois) o sal da terra..." (Mt 5.13)
- "Vós (sois) a luz do mundo..." (Mt 5.14)
- "Eu (sou) o pão da vida..." (Jo 6.35)
- "Eu (sou) a luz do mundo..." (Jo 8.12)
- "Eu (sou) a porta..." (Jo 10.9)
- "Eu (sou) o caminho..." (Jo 14.6)
- "Eu (sou) a videira..." (Jo 15.1)
- "Vós (sois) as vara..." (Jo 15.5)
- "Vós (sois) lavoura de Deus..." (1 Co 3.9)
- "Deus (é) amor..." (1 Jo 4.16), etc.

b) *Metonímia* (Do gr. metonymía).

Consiste em designar um objeto por uma palavra doutro objeto que com o primeiro mantém relação de causa e efeito. Por exemplo:

• A parte pelo todo - "Não tinha *teto* onde se abrigasse". (teto= casa).

• O singular pelo plural - "O homem é mortal". (Quer dizer= todos os homens).

• A taça pela bebida - Jesus usou esta figura de retórica quando celebrou a Ceia com os seus discípulos: "E, tomando o

cálice, e dando graças, deu-lhe, dizendo: Bebei *dele* todos" (Mt 26.27). A ênfase recai aqui na palavra "dele!" Porque, nesse caso, se subentende o "conteúdo"; ao contrário, se o vocábulo fosse "nele!" O sentido "nele" indica a taça e não o conteúdo. Nesse caso, e em outros semelhantes, toda a extensão é indicada apenas por uma palavra ou frase (cf. 1 Co 9.16,21).

c) *Perífrase* (Do gr. *periphrasis*).

E uma expressão que designa os seres através de algum de seus atributos.

- O rei dos animais foi generoso (=o leão).
- Os urbanistas tornarão ainda mais bela a Cidade Maravilhosa (=o Rio de Janeiro).
- A Terra da Garoa (=a cidade de São Paulo), etc.

2. Figuras de construção

a) *Anacoluto* (Do gr. *anakolouthus*).

Esta figura de linguagem consiste na quebra ou interrupção do fio da frase, ficando termos sinteticamente desligados do resto do período, sem função. Exemplos: '

- A rua onde moras, nela é que desejo morar;
- Eu não me importa a desonra do mundo.
- Isto ou aquilo são bons, mas não servem, etc.

b) *Elipse* (Do gr. *élleipsis*).

E a omissão de um termo da oração que facilmente podemos subentender no contexto. É uma espécie de economia de palavras.

- Aqui-e na eternidade;
- Moisés-referindo a todo o passo das Escrituras (2 Co 3.15);

- Céu baixo, ondas mansas, vento leve;
- Local, horário e data (do evento?), etc.

c) *Inversão* ou *Hipérbato* (Do gr. *hyperbatón*). (S .F. Ação ou efeito de inverter).

Esta figura de construção (ou de sintaxe) consiste em alterar a ordem normal dos termos ou orações, com o fim de lhes dar destaque. O sentido do termo é colocado, em geral, no início da frase:

- Passarinho, desisti de ter (R.B.).

- Justo ela diz que é, mas eu não acho não.
- "Vós sois os que vos justificais a vós mesmos... mas Deus conhece os vossos corações..." (Lc 16.15), etc.

d) *Onomatopéia* (Do gr. onomatopoiía).

Consiste no aproveitamento de palavra cuja pronúncia imita o som ou a voz natural dos seres. É um recurso fonêmico ou melódico que a língua proporciona ao escritor:

- "Não disse uma palavra-foi-se! arrancou estrada afora."
- "...Judas (Iscariotes) tomando o bocado, saiu logo. E era já noite" (Jo 13.30), etc.

e) *Pleonasmo* (Do gr. pleonasmós).

É o emprego de palavras redundantes, com o fim de reforçar a expressão. O pleonasmo, como figura de linguagem, visa a um efeito expressivo e deve obedecer ao bom gosto, a fim de não ferir os ouvidos de quem ouve:

- "Com o ouvir dos meus ouvidos ouvi, mas agora te vêem os meus olhos" (Jó 42.5);
- "...Cada um será *salgado* com sal" (Mc 9.49, ERC);
- "...Lázaro, sai para fora" (Jo 11.43);
- "Descer para baixo", "entrar para dentro", "subir para cima...", etc.

f) *Polissíndeto* (Do gr. polysyndeton).

É a repetição intencional do conectivo coordenativo. É particularmente próprio para sugerir movimentos contínuos ou séries de ações que se sucedem rapidamente:

- "Vão chegando as burguesinhas pobres, e as criadas das burguesinhas ricas, e as mulheres do povo, e as lavadeiras da redondeza" (M.B.)

g) *Repetição* (Do lat. repetitione).

Consiste em reiterar (ou repetir) palavras ou orações para intensificar ou enfatizar a afirmação ou sugerir insistência:

- "O surdo pede que repitam, que repitam a última frase" (C.M.)
- "Assim diz o Senhor" - "Na verdade, na verdade te digo...", etc.

h) *Silepse* (Do gr. syllepsis).

Ocorre esta figura quando efetuamos a concordância não com termos expressos mas com a idéia a eles associada em nossa mente. Pode ser dividida em três partes:

- De gênero - "Quando a gente é novo, gosta de fazer bonito";
- De número - "Corria gente de todos os lados, e gritavam";
- De pessoa - "Os que procuram são inúmeros, pois todos sofremos de alguma coisa; esta *água insípida* tem uma vastíssima órbita de ação" (R.Q.), etc.

3. Figuras de pensamento: retórica geral:

a) *Acróstico* (Do gr. akróstichon).

É uma composição poética em que o conjunto das letras iniciais (e, às vezes, as mediais ou finais) dos versos compõe verticalmente uma palavra ou frase.

No livro de Ester Deus está presente em mistério e não em manifestação. Seus efeitos são evidentes, mas Ele fica oculto. Contudo, tem sido observado que as quatro letras Y H V H, que no hebraico representam Jeová, ocorrem na narrativa quatro vezes na vertical em forma acróstica:

- Y - Et 1.20
- H - Et 5.4
- V - Et 5.13
- H - Et 7.7

O Salmo 119, com 176 versículos, está representado em forma acróstica. Exceto os versículos 90 e 122; suas 22 secções no começo e no fim decantam-se em dois grupos:

- Palavra, dito.
- Caminho, vereda.
- Testemunhos, juízos.
- Preceitos, estatutos.
- Mandamentos, lei.

b) *Alegoria* (Do gr. allegoría).

Indica uma figura de linguagem usada na exposição de um pensamento sob forma figurada. Não é uma parábola, ainda que Hebreus 9.9 traduza este sentido. Entretanto, um símbolo, quando visto no seu desenvolvimento particularizado, e

especialmente quando toma um caráter narrativo, passa a ser alegoria.

Na alegoria, as personagens fictícias são dotadas das mesmas características das reais, sem qualquer tentativa para ocultar ou para ilustrar metaforicamente o oposto daquilo que elas não são. A parábola diverge assim, portanto, da alegoria. A parábola ilustra por meio de símbolos, como por exemplo:

- "O campo é o mundo",
- "O inimigo é o diabo",
- "A boa semente são os filhos do reino", etc.

A regra essencial de interpretação é compreender o escopo duma alegoria, ou pelo contexto, ou pelas passagens paralelas e ter-se-á a verdade principal que se procurou realçar, em harmonia com a verdade central. Jesus, ao afirmar: "Eu sou o pão que desceu do céu; se alguém comer deste pão, viverá para sempre; e o pão que eu der é a minha carne... porque a minha carne verdadeiramente é comida, e o meu sangue verdadeiramente é bebida. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele" (Jo 6.51,55,56), estava expondo analogicamente uma verdade central. O pensamento central desta analogia do Senhor é interpretado no contexto antecedente, que diz: "Eu sou o pão da vida; aquele que vem a mim não terá fome; e quem crê em mim nunca terá sede" (Jo 6.35). Portanto, comer a carne e beber o sangue do Filho do homem significa, no pensamento de Jesus, tomar posse da vida eterna. Qualquer narrativa alegórica esboça, através de uma passagem, um trecho ou mesmo um versículo, o pensamento central.

Quando a Bíblia descreve qualquer figura com sentido alegórico, ou no início ou no fim da narrativa, encontramos um versículo, uma frase ou mesmo uma palavra, contendo o pensamento central. Exemplo: Em Isaías 5, o profeta descreve por expressa ordem de Deus o perfil da nação judaica. Primeiro ele faz a figura (de uma vinha) e depois dá a interpretação dizendo: "Porque a *vinha do Senhor dos Exércitos* ("é") a casa de Israel" (Is 5.7b). Em Ezequiel 37, na descrição do *vale de ossos secos*, o profeta mostra- nos o pensamento central no versículo 11, dizendo: "Estes ossos são toda a casa de Israel", etc.

c) *Antítese* (Do gr. antíthesis).

Consiste em uma figura na qual se salienta a oposição entre duas palavras ou idéias.

- O Anticristo, o oposto de Cristo.
 - O hoje do tempo como se fosse o amanhã da eternidade.
 - Alexandre Magno foi a antítese do verdadeiro Cristo, etc.
- d) *Antítipo* (Do gr. antítýpon).

Esta expressão significa tipo ou figura que representa outra. A preposição grega aqui inferida é um pouco irregular. Alguns rabinos opinam que *ant* (i) pode significar "ação contrária", "oposição", "contra", "oposto", etc. E, assim, seria mais correto dizer-se: *pro-tipo*, isto é, "pro" - traz a idéia de "movimento para adiante", "posição em frente", ou "aquilo que jaz adiante". Entretanto, como a tradução geral deste termo chegou até nós com o sentido de "figura que representa outra", devemos aceitar tal sentido sem hesitação.

e) *Apóstrofe* (Do gr. apostrophé).

Indica uma figura de linguagem que consiste em dirigir-se o orador ou escritor, em geral fazendo uma interrupção, parêntese ou interrogação, a uma pessoa, a coisa real ou fictícia. Na oratória, muitas vezes, o apóstrofe entra em evidência para dar ênfase ao argumento.

Biblicamente falando, temos vários exemplos de apóstrofes, tanto no Antigo como no Novo Testamento. No Salmo 114 o escritor sagrado invoca na poesia este tipo de linguagem. Então ele pergunta: "Que tiveste, ó mar, que fugiste, e tu, ó Jordão, que tomaste atrás? E vós, montes, que saltastes como carneiros, e vós outeiros, como cordeiros?" (vv. 5,6).

Em o Novo Testamento, Paulo, fazendo sua defesa sobre a propabilidade da ressurreição, invoca também esta linguagem figurada da Bíblia, dizendo: "Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó inferno, a tua vitória?" (1 Co 15.55), etc.

f) *Dramatização* (Do gr. dramatizo).

Consiste numa figura de linguagem que dá ao discurso mais vida, vigor e encanto, coisa que outros expedientes não conseguem tanto. Personificar um caráter, bíblico ou não, e falar de seus sentimentos, introduzir no discurso um contraditor e

formular suas objeções, e depois respondê-las ponto por ponto, sustentar um diálogo entre duas pessoas supostas, reproduzir uma cena mediante descrição dramática, são métodos que muitos pregadores eficientes empregam.

Com efeito, porém, esta dramatização não deve ser apresentada de maneira extravagante ou deselegante. No púlpito, a dramatização deve permanecer dentro de limites um tanto estreitos, e deve sempre ser regulada pelo bom gosto e sobriedade de sentimentos. E preciso, especialmente, usar bem as limitações de ação e de tonalidade, para que o pregador não se torne ridículo ou, quiçá, desconchavada a dramatização dentro do discurso religioso.

g) *Enigma* (Do gr. aínigma).

Esta figura consiste numa descrição, às vezes, obscura, ambígua, de alguma coisa, para que seja difícil decifrá-la.

Este tipo de linguagem enigmática era bastante usada pelos sábios orientais. Sansão usou de enigmas para provar a capacidade dos filisteus (Jz 14.12-18). A rainha Makeda de Akssum, ouvindo a fama de Salomão, "...veio prová-lo por enigmas" (1 Rs 10.1).

Algumas vezes, os enigmas eram decifrados ao som de instrumentos (SI 49.4). Algumas parábolas foram vistas pelos circunstantes de Jesus como verdadeiros enigmas (SI 49.4; 78.2; Mt 13.34,35) e, de igual modo, os dons espirituais (1 Co 13.12).

h) *Eufemismo* (Do gr. euphemismós).

Esta figura consiste em suavizar a expressão de uma idéia molesta, substituindo o termo exato por palavras ou circunlocuções menos desagradáveis ou mais polidas:

- "...A menina não está morta, mas dorme" (Mc 5.39b).

- "...Tendo desejo de partir (morrer)..." (F11.23).

- "...Rômulo contraíra o mal-de-Lázaro (=a lepra)", etc.

i) *Exclamação* (Do lat. exclamazione).

Refere-se a uma figura de linguagem em que o pregador emotivo se inclina a usá-la livremente. Alguns em qualquer parte do discurso dizem: Oh! Ah! Ai!

Outros pregadores dizem "Quão grande!", "Momentoso dito!", "Pensamento atroz!", e coisas assim.

Em alguns casos o pregador ou escritor usa esta figura de retórica para expressar grandeza. "Quão amáveis são os teus tabernáculos, Senhor dos Exércitos!" (SI 84.1) "Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis os seus caminhos!" (Rm 11.33) E coisas semelhantes a estas.

j) *Fábula* (Do gr. mythos).

Esta frase significa "lenda", "mito". A fábula é uma narração alegórica cujas personagens são, por via de regra, animais, ou seres imaginários da mitologia. Com efeito, a fábula como narração alegórica, sempre encerra no fundo uma lição moral. A fábula é, portanto, uma espécie de história ilustrativa fictícia e que ensina através da fantasia. O vocábulo está presente nas seguintes passagens das Escrituras (Dt 28.37, ERC; 1 Tm 1.4; 4.7; 2 Tm 4.4; Tt 1.14; 2 Pd 1.16).

Temos dois exemplos desta linguagem figurada na Bíblia envolvendo personagens reais:

- *Jotão e Abimeleque*: "E, dizendo-o a Jotão, foi este, e pôs-se no cume do monte de Gerizim, e levantou a sua voz, e clamou, e disse-lhes: Ouvi-me a mim, cidadãos de Siquém, e Deus vos ouvirá a vós. Foram uma vez as árvores a ungir para si um rei; e disseram à oliveira: Reina tu sobre nós. Porém a oliveira lhes disse: Deixaria eu a minha gordura, que Deus e os homens em mim prezam, e iria a labutar sobre as árvores ? Então disseram as árvores à figueira: Vem tu, e reina sobre nós. Porém a figueira lhes disse: Deixaria eu a minha doçura, o meu bom fruto, e iria labutar sobre as árvores? Então disseram as árvores à videira: Vem tu, e reina sobre nós. Porém a videira lhes disse: Deixaria eu o meu mosto, que alegra aBeus e aos homens, e iria labutar sobre as árvores? Então todás as árvores disseram ao espinheiro: Vem tu, e reina sobre nós. E disse o *espinheiro* às árvores: Se, na verdade, me ungis rei sobre vós, vinde, e confiai-vos debaixo da minha sombra; mas, se não, saia fogo do *espinheiro* que consuma os cedros do Líbano" (Jz 9.7-15).

- *Amazias e Jeoás*: "Então Amazias enviou mensageiros a Jeoás, filho de Jeocaz, filho de Jeú, rei de Israel, dizendo: Vem, vejamo-nos cara a cara. Porém Jeoás, rei de Israel, enviou a

Amazias, rei de Judá, dizendo: O cardo que está no Líbano enviou ao cedro que está no Líbano, dizendo: Dá tua filha por mulher a meu filho; mas os animais do campo, que estava no Líbano, passaram e pisaram o cardo" (2 Rs 14.8,9).

Existem, sem dúvidas, outras passagens similares na Bíblia. Entretanto, estas são as que mais exemplificam o significado do argumento.

1) *Hipérbole* (Do gr. *hyperbolé*).

Consiste numa figura de linguagem que engrandece ou diminui exageradamente a verdade das coisas: mas não se trata de mentira e, sim, de uma expressão momentânea. Por exemplo, quando o número de pessoas numa concentração não chega a atingir a cifra esperada, se diz: "apenas quatro gatos pingados" (jargão). Outro exemplo: "Passou correndo com mais de mil", quando, na verdade, ia apenas a 10 km por hora.

No conceito geral da Bíblia, depreendemos esta figura de linguagem em algumas passagens. Por exemplo:

- "Rios de águas correm dos meus olhos..." (SI 119.136a).
- "E por que reparas tu no argueiro que está no olho do teu irmão, e não vês a *trave* que está no teu olho?" (Mt 7.3).
- "É mais fácil passar um *camelo* pelo *fundo* de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus" (Mt 19.24b).
- "Condutores cegos! que coais um *mosquito* e engolis um camelo" (Mt 23.24). E outros exemplos similares.

m) *Interrogação* (Do lat. *interrogatione*).

Refere-se a uma forma de linguagem que serve para animar o discurso.

Nesse caso, o pregador pode pensar num antagonista, que pode ser real ou imaginário, e questionar com ele, interrogando-o, de tal maneira que se desperte vivo interesse nos ouvintes; podendo-se fazer também perguntas constantes ao próprio auditório. Assim se despertará a mente deles, como se tivessem de responder a perguntas feitas. Por exemplo: "Quem deu crédito à nossa pregação? e a quem se manifestou o braço do Senhor?" (Is 53.1). "O que dizem os homens ser o Filho do homem?... E vós, o que dizeis que eu sou?" (Mt 16.14,15), etc.

n) *Ironia* (Do gr. *eiróneia*).

Consiste no modo de exprimir-se em dizer o contrário daquilo que se está pensando ou sentindo. Alguns episódios na Bíblia expressam o significado do pensamento desta figura de linguagem.

- *Balaão e Balaque*: "Veio, pois, o Senhor a Balaão, de noite, e disse-lhe: Se aqueles homens te vieram chamar, levanta-te, vai com eles... e a ira de Deus acendeu-se, porque ele se ia..." (Nm 22.20,22). Tanto os contextos antecedentes como os prospectivos mostram claramente que a vontade de Deus era contrária a ida do profeta. Portanto, aqui se infere a linguagem de ironia.

- *Micaías e Acabe*: "E, vindo ele ao rei, o rei lhe disse: Micaías, iremos a Ramote de Gileade à peleja, ou deixaremos de ir? E ele lhe disse: Sobe, e serás próspero; porque o Senhor a entregará na mão do rei" (1 Rs 22.15). Podemos deduzir que tanto os versículos antecedentes como os conseqüentes afirmam que Micaías apenas ironizou. Isto é, queria dizer o contrário daquilo que estava pensando, ou autorizado a dizer.

- *Eliseu e os filhos dos profetas*: "Mas eles apertaram com ele, até se enfastiar; e disse-lhes: Enviai..." (2 Rs 2.17). Na secção anterior e naquela que se segue, entendem-se claramente que a vontade do profeta Eliseu era o contrário daquilo que ele disse, quando coagido pelos filhos dos profetas. Simplesmente ironizou.

o) *Parábola* (Do gr. parabolé).

Por derivação esta palavra significa "por coisas a lado", ou "colocar ao lado de". Assim, parábola é algo que se coloca ao lado de outra coisa para efeito de comparação. A parábola típica utiliza-se de um evento comum da vida natural para acentuar ou esclarecer uma importante verdade espiritual.

No conceito geral da Bíblia, *parábola* indica, literalmente, "comparação", e é comumente usada para indicar uma história breve, um exemplo esclarecedor, que ilustra uma verdade qualquer (Ez 17.2; Mt 13.31,44,45,47; Mc 4.30).

- A parábola não é um mito, pois este narra uma história como se fosse verdadeira, mas não adiciona nem a probabilidade nem a verdade. Com efeito, quando o termo "parábola" parte diretamente do hebraico *mashal*, tem uma significação mais lata.

Assim em Mateus 15.14,15 e Lucas 4.23, parábola é usada por provérbios; em João 10.6, provérbio é traduzido por parábola; em Hebreus 9.9, parábola é traduzida no grego por alegoria, etc.

- Parábola também não é fábula. Alguém já imaginou que parábola fosse uma fábula. Entretanto, no contexto geral, não é, porque a fábula é uma história fictícia que ensina através da fantasia, mediante apresentação que vai além da probabilidade. A parábola, mesmo ensinada mediante ocorrências imaginárias, jamais foge à realidade das coisas. A despeito disto, temos os ensinamentos didáticos de Cristo. Cerca de sessenta deles foi por meio de parábolas.

p) *Paradoxo* (Do gr. *parádoxon*).

Infere em um conceito que é ou parece contrário ao comum: "Ninguém faz o mal voluntariamente, mas por ignorância, pois a sabedoria e a virtude são inseparáveis" (Sócrates). O vocábulo procede do *grego* e chega até nós por intermédio do latim. Está formado de duas expressões: **para**, que significa *contra* e **doxa**, *opinião ou crença*. Soa ao ouvido como algo incrível, ou impossível, se não absurdo. Jesus deu-nos lições paradoxais, quando advertiu os discípulos do fermento dos fariseus e quando mostrou a um candidato ao discipulado a urgência da missão (cf. Mt 8.21,22; 16.6, etc.).

q) *Personificação* (Do gr. *prosopon*?)

Esta figura consiste na maneira como o pregador se dirige a uma coisa inanimada como se tivesse vida. Isso dá ao discurso grande animação e beleza, e mesmo uma apaixonante energia. A personificação da sabedoria dos Provérbios de Salomão é muito notável.

Jesus personificou as pedras como se fossem seres animados. Então ele disse: "Se estes se calarem, as próprias pedras clamarão" (Lc 19.40). Os apóstolos Paulo e João usaram também esta figura ao se referirem à morte e ao inferno (1 Co 15.26,55; Ap 6.8; 20.13,14).

r) *Prosopopéia* (Do gr. *prosopopaiía*).

Esta figura, segundo a divisão correta, indica uma linguagem em que se dá vida, ação, movimento e voz a coisas inanimadas. Exemplos: "A perdição e a morte dizem: Ouvimos

com os nossos ouvidos a sua fama" (Jó 28.22); "A terra geme e pranteia, o Líbano se envergonha e se murcha: Sarom se tornou como um deserto; e Basã e Carmelo foram sacudidos" (Is 33.9); "Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó inferno, a tua vitória?" (1 Co 15.55); "E olhei, e eis um cavalo amarelo, e o que estava assentado sobre ele tinha por nome morte; e o inferno o seguia..." (Ap 6.8a). Nestas passagens, e em outras similares, são usadas verdadeiras figuras de linguagem, cujo sentido técnico denomina-se *prosopopéia*, onde os seres e trastes são personificados.

s) *Reticência* (Do lat. reticentia).

Consiste em suspender o pensamento, deixando-o meio velado. Exemplos gramatical e bíblico:

- "De todas, porém, a que me cativou logo foi uma...uma... não sei se diga" (M.A.).

- "Porque Jabez invocou o Deus de Israel, dizendo: Se me abençoares muitíssimo, e meus termos amplificares, e a tuamãofor comigo, e fizeres que do mal não seja aflito!... E Deus lhe concedeu o que lhe tinha pedido" (1 Cr 4.10=ARC).

t) *Retificação* (s.f. do v. retificar).

Como indica o significado do pensamento, consiste em retificar uma afirmação anterior.

- "O país andava numa situação política tão complicada quanto a de agora. Não, minto. Tanto não" (R.Q.).

Esta figura de linguagem deve somente ser usada pelo pregador, quando ocorrer um engano mental, ou quando houver exagero numa afirmação comprometedora; ela deve ser usada em lugar de desculpa.

u) *Símbolo* (Do gr. symbolon).

Esta figura designa, fundamentalmente, aquilo que, por um princípio de analogia, representa ou substitui outra coisa:

- A balança é o símbolo da justiça.
- São símbolos nacionais, a bandeira, o hino, as armas e o selo.

Geralmente, o tipo é prefigurativo, e o símbolo é ilustrativo do que já existe. Certos símbolos, contudo, provêm de circunstâncias e relações especiais. Alguns são orientais e

têm a sua origem nas maneiras e costumes de diferentes povos; outros derivam da história; e há os que também são produtos da imaginação.

v) *Símile* (Do lat. *símile*).

O sentido da divisão correta expressa a idéia do que é semelhante; comparação de coisas semelhantes. Dois dos mais simples artifícios literários são o *símile* e a *metáfora*. *Símile* é uma comparação, onde a expressão "semelhante", "como" e "assim" estão em foco. No *símile* a ênfase recai sobre algum ponto de similaridade entre duas idéias, grupos, ações, etc.

"O reino dos céus (é semelhante)..." "Como um pai se compadece de seus filhos, assim o Senhor se compadece daqueles que o temem" (SI 103.13). "...Como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos..." (Is 55.9) Devemos observar que a ênfase recai nas expressões "é semelhante", "como", "assim", etc. Podemos entender a parábola como sendo uma *símile* ampliada. Pelo menos é este o sentido geral da Bíblia onde a palavra está presente (Os 12.10).

x) *Sinédoque* (Do gr. *synedoché*). Esta figura de pensamento consiste na relação de compreensão e consiste no uso do "todo" pela "parte", do "plural" pelo "singular", do "gênero" pela "espécie". A *sinédoque* se assemelha muito com a *metonímia*, levando alguns até pensarem que estas duas figuras de retórica fossem a mesma coisa, ou pelo menos expressassem o mesmo sentido. Com efeito, porém, não se trata da mesma coisa.

Partindo de uma premissa tanto particular como geral, a *sinédoque* expressa o conceito final dentro das mesmas regras da natureza da primeira. Biblicamente falando, isso pode ser depreendido de várias passagens das Escrituras. Exemplificando:

"Todas as almas, pois, que procederam da coxa de Jacó, foram setenta almas..." (Ex 1.5) As almas aqui são tomadas para indicar as pessoas. "...A minha carne repousará segura" (SI 16.9b). A palavra *carne*, nesse caso, é tomada para indicar o todo que seria o corpo. E outros exemplos similares,

z) *Tipo* (Do gr. *typos*).

Significa aquilo que inspira fé como modelo. Como a alegoria é uma dupla representação por meio de palavras, assim o tipo é uma dupla representação por meio de fatos. A linguagem tipológica da Bíblia, funciona como "...sombra dos bens futuros...". Conforme já tivemos ocasião de expor noutra secção, o tipo é prefigurativo, enquanto que o símbolo é ilustrativo do que já existe. Alguns personagens, animais, objetos e fatos, foram, ao mesmo tempo, símbolos e tipos, pois comemoravam um acontecimento e prefiguravam outro. Eles eram sombras de um sacrifício perfeito, do qual Cristo havia de ser a realidade!

Bibliografia

- ANGUS, J. História, Doutrina e Interpretação da Bíblia. Rio de Janeiro, RJ, 1951.
- BARON, B. Homilétique et Oratoire. Paris, 1948.
- BLACKOOD, W. A. *A Preparação de Sermões*. São Paulo, SP, 1965.
- BROADUS, J. A. *O Sermão e o seu Preparo*. Rio de Janeiro, RJ, 1967.
- BURT, G. *Manual de Homilética*, São Paulo, SP, 1936.
- CRANE, J. D. *Manual para Pregadores Leigos*. Rio de Janeiro, RJ, 1988.
- DUREN, J. Le Prédicateur et le Sermon. Paris, 1920.
- DARLEIN, F. Le Sermon et la Rethorique. Paris, h 865.
- _____. FELLEBERG, G. Introdução aos Problemas da Poluição Ambiental. São Paulo, SP, 1980.
- _____. VASCONCELLOS, J / GEWANDSZNAJDER, F. *Programas de Saúde*. São Paulo, SP, 1989.
- HAWKINS, T. *Homilética Prática* Rio de Janeiro, RJ, 1988.
- JACQUES, J. *Le Sermon et la Oratoire*. Paris, 1937.
- JOHANSSON, E. *O Programa de Rádio Cristão* (Orientação Prática"para novos Produtores). Stockholm, Suécia, 1985.
- JOLIVET, R. *Curso de Filosofia*. São Paulo, SP, 1984.
- KESSLER, N. *Ética Pastoral*: Rio & Janeiro, RJ, 1989..
- KOLLER, C. W. *Pregação Expositiva sem Anotações*. São Paulo, SP, 1987.
- KNOX, J. *A Integridade da Pregação*. São Paulo, SP, 1964.
- LUND, E. / NELSON, P. C. *Hermeneutica*. Miami, 1968.
- NORTH, S. *Pregação, Homem e Método*. São Paulo, SP, 1971.
- POLITO, R. *Como Falar Corretamente e sem Inibições*. São

- Paulo, SP, 1988.
- RIGGS, R. M. *O Guia do Pastor*. Miami, 1976.
- ROBINSON, H. W. *A Pregação Bíblica*. São Paulo, SP, 1986.
- SILVA, P. M. *A Arte de Pregar o Evangelho* (Homilética). São Paulo, 1985.
- SOBRINHO, M. *Esboço de Homilética*, Recife, PE, 1958.
- SOUZA, E. Q. *Gavelas da Disciplina e da Doutrina Cristã*. Rio de Janeiro, RJ, 1960.
- SPURGEON, C. H. *Lições aos Meus Alunos (Homilética e Teologia Pastoral: I e II Volumes)*. São Paulo, SP, 1980-82.
- VINET, A. *Homilétique ou Théorie de la Predication*. Paris, 1874.
- VIRKLER, H. A. *Herminêutica (Princípios e Processos de Interpretações Bíblicas)*. Miami, 1987.
- _____. WERNER, W. *La Rethorique* Paris, 1925.